

TABELA 1 - Sistema de atividades produtivas - população bovina e tipo de exploração - Santa Catarina, Brasil, 1980

Microrregiões (IBGE)	População Bovina		Densidade Bovina (ha)	Relação		População Bovina			Estabelecimentos com Bovinos		
	Número	%		Novilha	Vaca	% Corte	% Leite	% Colonial	% Corte	% Leite	% Colonial
1. Colonial de Joinville	52.025	2.36	0.11	0.2289	2.23	67.12	30.65	0.08	60.71	39.21	
2. Litoral de Itajaí	24.677	1.12	0.22	0.4175	16.67	41.52	41.81	0.70	36.69	62.61	
3. Colonial de Blumenau	95.943	4.35	0.17	0.1912	3.93	63.68	32.39	0.12	53.83	46.05	
4. Colonial de Itajaí Norte	37.953	1.72	0.23	0.1375	5.49	58.41	36.10	0.27	39.99	59.74	
5. Colonial do Alto Itajaí	103.763	4.70	0.23	0.2443	9.88	49.98	40.13	0.35	43.82	55.83	
6. Florianópolis	48.084	2.20	0.17	0.5070	11.12	26.60	62.28	0.52	13.80	85.68	
7. Colonial Serrana Catarinense	57.125	3.04	0.15	0.4891	9.94	2.53	87.53	0.49	1.90	97.61	
8. Litoral de Jaguará	18.303	0.83	0.19	0.5587	11.75	8.40	79.85	0.49	4.17	95.34	
9. Carbonífera	136.853	6.20	0.31	0.4594	5.99	8.05	85.96	0.33	8.73	90.94	
10. Litoral Sul Catarinense	65.153	2.95	0.34	0.6600	8.81	12.17	79.02	0.46	5.36	94.18	
11. Colonial Sul Catarinense	47.460	2.15	0.22	0.5083	4.16	8.62	87.22	0.20	6.47	93.33	
12. Campos de Lages	401.971	18.22	0.32	0.7900	62.11	4.40	33.49	11.80	5.44	82.76	
13. Campos de Curitiba	271.579	12.31	0.24	0.6662	50.54	3.44	46.02	6.27	3.18	90.55	
14. Colonial do Rio do Peixe	310.980	14.08	0.28	0.5426	24.70	6.90	68.40	1.14	5.59	93.27	
15. Colonial do Oeste Catarinense	390.628	17.71	0.28	0.3938	10.51	7.98	81.51	0.25	4.53	95.22	
16. Planalto de Canoinhas	133.699	6.06	0.09	0.6184	32.72	8.47	58.81	1.69	6.56	91.75	
SC- TOTAL	2.206.176	100.00	0.23	0.5376	26.26	14.51	59.23	1.14	17.01	81.85	

FONTE: SAA - CIDASC - Programa Defesa Sanitária Animal, Florianópolis, Santa Catarina, 1980.

BUFFON et alii - Diagnóstico da bovinocultura Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina, 1977.

TABELA 11 - Sistema de atividades produtivas: estabelecimentos bovinos, Santa Catarina, Brasil, 1980

Microrregiões	Número Estabe- cimentos com Bovinos	Número Médio Bovinos/Estab.	% de Estabelecimentos com				
			1 - 5 Bovinos	6 -10 Bovinos	11-50 Bovinos	51-100 Bovinos	100 Bovinos
1. Colonial de Joinville	8.638	6.02	63.54	25.20	10.80	0.38	0.08
2. Litoral de Itajaí	2.582	9.60	59.02	23.54	15.35	1.40	0.69
3. Colonial de Blumenau	17.173	5.59	69.97	20.52	8.82	0.58	0.11
4. Colonial de Itajaí Norte	4.673	8.12	37.35	30.07	30.03	2.27	0.27
5. Colonial do Alto Itajaí	13.793	7.52	54.64	27.61	16.40	1.00	0.55
6. Florianópolis	5.859	8.40	61.14	22.15	15.41	0.78	0.52
7. Colonial Serrana Catarinense	7.620	8.68	53.31	26.64	18.53	1.04	0.48
8. Litoral de Laguna	2.298	7.96	70.90	17.80	10.76	1.06	0.48
9. Carbonífera	11.824	11.57	38.56	30.21	29.61	1.29	0.33
10. Litoral Sul Catarinense	5.712	11.40	44.71	29.25	24.19	1.40	0.45
11. Colonial Sul Catarinense	4.978	9.53	42.88	28.64	27.39	0.90	0.19
12. Campos de Lages	6.680	60.03	19.04	19.02	38.63	11.39	11.91
13. Campos de Curitiba	7.774	34.93	35.44	22.57	29.57	6.16	6.26
14. Colonial do Rio do Peixe	24.364	12.76	39.44	34.03	24.15	1.26	1.13
15. Colonial do Oeste Catarinense	50.699	7.70	50.22	33.20	15.94	0.40	0.24
16. Planalto de Canoinhas	11.069	12.62	53.37	24.00	18.77	2.10	1.76
SC-TOTAL	185.736	11.94	49.68	28.25	19.41	1.52	1.14

FONTE: SAA - CIDASC - Programa de Defesa Sanitária Animal - Florianópolis, 1980.

TABELA III - Sistema de atividades produtivas - população suína e indicadores, Santa Catarina, Brasil, 1980

Microrregiões (IBGE)	Número de Estab.	População Suína		Número Médio Suínos/Estab.	Densidade Suína (ha)	Relação Suíno/Bovino	
		Número	%				
1 . Colonial de Joinville	5.392	64.458	1.67	11.90	0.06		1.23
2 . Litoral de Itajaí	921	8.245	0.21	8.90	0.07		0.33
3 . Colonial de Blumenau	13.770	119.951	3.11	8.70	0.15		1.25
4 . Colonial de Itajaí Norte	3.929	3.850	0.10	0.98	0.21		0.10
5 . Colonial de Alto Itajaí	12.459	132.501	3.44	10.60	0.23		1.27
6 . Florianópolis	1.728	12.579	0.33	7.30	0.05		0.26
7 . Colonial Serrana Catarinense	6.342	57.149	1.48	9.00	0.07		0.85
8 . Litoral de Laguna	1.205	6.065	0.16	5.00	0.02		0.33
9 . Carbonífera	9.526	150.065	3.90	15.72	0.29		1.09
10. Litoral Sul Catarinense	3.772	21.713	0.56	5.70	0.06		0.33
11. Colonial Sul Catarinense	4.662	52.830	1.37	11.30	0.17		1.11
12. Campos de Lages	4.261	63.081	1.64	14.80	0.03		0.15
13. Campos de Curitibanos	8.335	126.041	3.27	15.10	0.06		0.46
14. Colonial do Rio do Peixe	22.496	1.039.110	26.98	46.20	0.79		3.34
15. Colonial do Oeste Catarinense	57.293	1.813.665	47.08	31.60	1.15		4.64
16. Planalto de Canoinhas	10.493	180.625	4.70	17.20	0.09		1.35
SC- TOTAL	166.584	3.851.928	100	23.10	0.40		1.73

FONTE: IBGE, Sinopse preliminar do censo agropecuário, 1980.

Tabela IV - Sistema de atividades produtivas, outros fatores, Santa Catarina, Brasil, 1980

Microrregiões	Estabelecimento		% Estabelecimentos Tamanho			Estabelec. Seg. Cond. Prod. %		Pessoal Ocup.		Tratores	
	Tam. Médio (ha)	10 ha	10.99ha	100ha	Proprie- tários	Arrendá- tários	Parceiros e Ocup.	Nº	%	Nº	%
1. Colonial de Joinville	26.42	37.33	59.28	1.91	87.00	2.25	9.18	21.434	3	2.381	7
2. Colonial de Itajaí	36.93	32.42	62.07	5.51	92.00	4.10	3.70	5.594	1	820	3
3. Colonial de Blumenau	25.33	40.48	57.31	1.87	86.59	2.60	10.74	53.747	6	3.139	10
4. Colonial de Itajaí Norte	26.92	19.89	77.92	2.19	85.35	3.41	11.22	16.132	2	1.055	3
5. Colônia do Alto Itajaí	23.16	31.64	66.86	1.48	70.82	6.08	22.98	58.469	7	5.232	17
6. Florianópolis	22.39	69.99	35.71	3.29	85.75	3.39	10.75	17.611	2	661	2
7. Colonial Serrana Catarinense	37.16	30.05	65.45	5.45	73.53	5.59	20.61	32.727	4	1.344	4
8. Litoral de Laguna	14.29	73.98	24.29	1.73	86.33	4.27	8.85	11.506	1	83	0,3
9. Carbonífera	24.14	32.83	65.34	1.81	81.50	4.85	13.48	55.197	7	1.220	4
10. Litoral Sul Catarinense	18.73	48.97	49.44	1.56	75.17	9.98	14.62	29.287	4	907	2,7
11. Colonial Sul Catarinense	21.60	37.77	60.77	1.46	63.69	8.80	27.13	31.174	4	1.427	4
12. Campos de Lages	138.78	16.03	50.94	32.45	78.52	7.64	13.62	28.553	3	1.465	4
13. Campos de Curitiba	81.48	26.92	57.31	15.76	73.54	9.60	16.42	50.732	6	1.633	5
14. Colonial do Rio do Peixe	37.50	21.96	74.42	3.59	83.25	5.30	11.32	108.971	13	2.564	8
15. Colonial do Oeste Catarinense	18.67	40.99	57.85	1.16	73.47	8.61	17.80	252.754	30	4.834	16
16. Planalto de Canoinhas	55.52	29.19	61.98	8.82	79.97	3.81	16.10	58.942	7	3.171	10
SC - TOTAL	34.07	35.13	60.38	4.41	77.77	6.39	15.63	832.850	100	31.936	100

FONTE: IEGE, Sinopse preliminar censo agropecuário, 1980.

Quadro 2 - Características Climáticas - Santa Catarina, Brasil, 1977

Fator ou Elemento	Região		
	Litoral	Planalto	Oeste
Temperatura média anual	17 a 21°C	13 a 17°C	15 a 19°C
Temperatura mínima média anual	12 a 18°C	9 a 12°C	10 a 14°C
Temperatura máxima média anual	23 a 26°C	19 a 24°C	23 a 26°C
Variação de temperatura mensal	21°C	23°C	34°C
Precipitação total anual	1200 a 1900mm	1300 a 1900mm	1500 a 2200mm
Evaporação Pot. total anual	1000 a 1300mm	900 a 1100mm	1100 a 1300mm
Excesso hídrico total anual	100 a 500mm	300 a 600mm	400 a 1200mm
Umidade relativa média mensal	82 a 87%	78 a 83%	72 a 80%

FONTE: S.A.A./EMPASC - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

Quadro 3 - Número de frigoríficos e matadouros e indústria de laticínios, Santa Catarina, Brasil, 1977

Microrregiões	Usinas de Leite	Frigoríficos e Matadouros			
		Número	Bovinos	Suínos	Aves
1 - Colonial de Joinville	5	1	-	x	-
2 - Litoral de Laguna	1	-	-	-	-
3 - Colonial de Blumenau	12	3	-	x	-
4 - Colonial de Itajaí Norte	1	1	-	x	-
5 - Colonial do Alto Itajaí	4	2	x	-	-
6 - Florianópolis	1	1	x	-	x
7 - Colonial Serrano Catarinense	-	-	-	-	-
8 - Litoral de Laguna	-	-	-	-	-
9 - Carbonífera	1	1	-	x	-
10- Litoral Sul Catarinense	-	-	-	-	-
11- Colonial Sul Catarinense	-	1	x	-	-
12- Campos de Lages	1	1	x	x	-
13- Campos de Curitibanos	-	-	-	-	-
14- Colonial do Rio do Peixe	2	6	x	x	x
15- Colonial Oeste Catarinense	2	6	x	x	x
16- Planalto de Canoinhas	-	1	x	x	-
TOTAL	30	24	-	-	-

FONTE: Ministério da Agricultura - Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal - Santa Catarina, 1977.

BUFFON et alii - Diagnóstico da bovinocultura Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina, 1977.

Quadro 4 - Trânsito intraestadual de bovinos - Santa Catarina, Brasil, 1978

Destino	Origem	Micro	Micro	Micro	Micro	Micro	Micro	Micro	Micro	Total
		12 e 13	8,9,10,11	14	15	6 e 7	1, 2, 3, 4, 5,	16		
Micro		32.292	7	1.096	560	22	40	45		34.062
12 e 13	A	83.907	128	2.635	292	291	842	211		88.306
Micro	R	1.959	8.001	9	1.047	304	19	31		11.370
8,9,10 e 11	A	3.566	18.402	2	358	53	80	342		22.803
Micro 14	R	661		12.801	2.020	-	-	41		15.523
	A	1.781		18.653	591	1	38	18		21.082
Micro 15	R	-	-	25	17.806	-	-	-		17.831
	A	61	-	515	21.625	8	10	-		22.219
Micro	R	684	143	-	35	1.667	38	30		2.597
6 e 7	A	1.332	-	137	10	6.952	364	53		8.848
Micro	R	16.741	188	1.954	2.967	120	6.784	349		29.103
1,2,3,4,5	A	2.519	3	532	267	400	10.740	453		14.914
Micro 16	R	1.748	-	1.857	40	-	130	4.544		8.319
	A	2.031	-	977	6	5	346	10.290		13.655
TOTAL DE	R	54.085	8.339	17.742	24.742	2.113	7.011	5.040		118.805
TRÂNSITO	A	95.197	18.533	23.451	23.149	7.710	12.420	11.367		191.827
TOTAL INTER	R	21.793	338	4.941	6.669	446	227	496		34.687
MUNICIPAIS	A	11.290	131	4.779	1.524	752	1.680	1.077		20.971

FONTE: SMA - CIDASC - Programa de Defesa Sanitária Animal - Santa Catarina, Brasil, 1978.

Quadro 5 - Trânsito de bovinos de outros estados para Santa Catarina, Brasil, 1978

Origem	JAN.	FEV.	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
Rio Grande do Sul	8.242	5.489	4.786	3.100	2.628	1.498	2.115	851	2.788	3.689	2.465	5.839	42.490
Paraná	2.281	1.779	1.983	-	1.961	2.450	-	2.241	2.331	2.750	2.312	-	20.043
São Paulo	131	227	-	167	231	243	213	208	301	334	300	220	2.575
Minas Gerais	-	-	-	-	26	-	-	-	40	-	-	-	66
Mato Grosso do Sul	97	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	110
<b>TOTAL</b>	<b>10.751</b>	<b>7.508</b>	<b>6.724</b>	<b>3.267</b>	<b>4.846</b>	<b>4.191</b>	<b>2.328</b>	<b>2.300</b>	<b>5.460</b>	<b>6.773</b>	<b>4.077</b>	<b>6.059</b>	<b>65.284</b>

FONTE: Ministério da Agricultura - Florianópolis, Santa Catarina, 1978



Quadro 6 - Descrição do sistema de endemismo de Febre Aftosa, Santa Catarina, Brasil, 1971-1980

Microrregiões	Índice de Endemismo
1 - Colonial de Joinville	0.05845
2 - Litoral de Itajaí	0.04086
3 - Colonial de Blumenau	0.06282
4 - Colonial de Itajaí Norte	0.04170
5 - Colonial do Alto Itajaí	0.03659
6 - Florianópolis	0.10706
7 - Colonial Serrano Catarinense	0.04861
8 - Litoral de Laguna	0.15690
9 - Carbonífera	0.14136
10- Litoral Sul Catarinense	0.19725
11- Colonial Sul Catarinense	0.06177
12- Campos de Lages	0.11314
13- Campos de Curitibanos	0.03618
14- Colonial do Rio do Peixe	0.04607
15- Colonial do Oeste Catarinense	0.07328
16- Planalto de Canoinhas	0.03383

Quadro nº 7 - Síntese da Caracterização Epidemiológica da Febre Aftosa, Tipo Exploração, Santa Catarina, Brasil, 1983.

REGIÃO	ENDEMISSO	CARACTERIZAÇÃO DE ECOSISTEMA	CENTRO DE PRODUÇÃO	TIPO DE EXPLORAÇÃO ANIMAL	TRÂNSITO E COMÉRCIO DE BOVINOS	ÍNDICES DEMOGRÁFICOS					BOVINOS		SUÍNOS			
						DENSIDADE BOVINA	DENSIDADE SUÍNA	RELAÇÃO NOV/VACA	BOV / PROPRIEDADE	RELAÇÃO SUÍNO / BOV	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%
1	0,113	ENDEMICO PRIMARIO	- CENTRO DE PRODUÇÃO SEMI-INTENSIVA DE BOVINO DE CORTE. - < 30 HABITANTES / Km <sup>2</sup> (SETOR PRIMÁRIO SIGNIFICATIVO - PECUÁRIA)	- PREDOMINÂNCIA DE BOVINOCULTURA - (CRIA, RECRIA E ENGORDA)	- MOVIMENTO MUITO INTENSO. - PREDOMÍNIO PARCIAL DE INGRESSO DE BOVINOS PARA ABATE E CICLO.	0,32	0,03	0,79	60,18	0,16	6,680	3,60	401,971	18,22	63,081	1,64
2	0,133	ENDEMICO SECUNDARIO	- CENTRO DE TRANSFORMAÇÃO DE CARNE E DE CONSUMO. - 50-70 HAB/Km <sup>2</sup> , SETOR TERCIÁRIO, SECUNDÁRIO E DE EXTRAÇÃO MINÉRIO IMPORTANTE).	- PREDOMINÂNCIA DE BOVINOCULTURA MISTA - PREDOMINÂNCIA DE TERMINAÇÃO E ABATE DE BOVINO.	- MOVIMENTO INTERNO - PREDOMÍNIO PARCIAL DE INGRESSO DE BOVINOS ABATE E TERMINAÇÃO (CENTRO POPULACIONAL).	0,25	0,12	0,54	10,30	0,62	30,671	16,51	315,633	14,32	243,325	6,32
3	0,260	PARAENDÊMICO I	- CENTRO DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS E DE AVES - 30-50 HAB/Km <sup>2</sup> (SETOR PRIMÁRIO IMPORTANTE)	- PREDOMINÂNCIA DE SUINOCULTURA E AVICULTURA. - BOVINOCULTURA MISTA E BOVINOCULTURA DE CORTE (CICLO COMPLETO COM CERTA PREDOMINÂNCIA DE CRIA)	- MOVIMENTO DE SAÍDA DE BOVINOS PARA ABATE	0,28	0,97	0,60	9,35	4,07	75,063	40,41	701,608	31,80	2,852,775	74,06
4	0,054	PARAENDÊMICO II - A	- CENTRO DE PRODUÇÃO EXTENSIVA DE BOVINOS DE CORTE - 30-50 HAB/Km <sup>2</sup> (SETOR PRIMÁRIO IMPORTANTE - AGRICULTURA)	- BOVINOCULTURA DE CORTE (CICLO COMPLETO). - BOVINOCULTURA MISTA	- MOVIMENTO REEXPRESSIVO	0,17	0,06	0,70	21,51	0,76	18,843	10,15	1405,278	16,37	306,625	7,96
5	0,146	PARAENDÊMICO II - B	- CENTRO DE PRODUÇÃO DE LEITE E DE CONSUMO - 50-70 HAB/Km <sup>2</sup> E < 70 HAB/Km <sup>2</sup> (SETOR SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO IMPORTANTE)	- BOVINOCULTURA DE LEITE E CENTRO DE ABATE	- MOVIMENTO DE ENTRADA DE BOVINOS PARA ABATE (CENTRO POPULACIONAL)	0,19	0,13	0,29	7,00	1,10	54,479	29,33	361,486	17,29	421,154	10,93

Quadro 8 - Amostragem de Caracterização Epidemiológica da Febre Afosa - Organização da Produção Animal - Santa Catarina - Brasil - 1983

Ordem de amostragem	Número da amostra	Caracterização Epidemiológica	Fator Produtivo		Vinculação Mercado		Especialização		Relações Trabalho/Organização			
			Terra	Mão/Obra Técnico	Capital	Insum.	Prod.	Policultura	Monocultura	Empresarial	Semi-Empres.	Artesanal
1	0,113	Endêmico Primário	138,78	3,0	++	++	+++	Bovino Corte, Milho, Soja, Trigo, Milho	Bovina Corte, Soja, Fruticultura		++	+
2	0,133	Endêmico Secundário	20,23	13,0	++	++	+++	Bovino Misto, Arroz, Cana de Açúcar	Arroz, Cana de Açúcar		++	+
3	0,060	Paraendêmico - I	28,09	43,0	+++	+++	+++	Suínos, Aves, Milho, Suínos, Aves, Soja, Bovino Corte, Suínos, Aves, Bovino Misto, Suínos, Milho	Suínocultura, Avicultura, Fruticultura, Soja, Milho	+	++	+
4	0,054	Paraendêmico - II - A	68,50	13,0	+	+	++	Bovinocultura, Corte, Soja	Soja, Feijão, Arroz		+	++
5	0,048	Paraendêmico - II - B	29,32	23,0	+	+	++	Bovinocultura de Leite, Arroz	Cana de Açúcar			+++

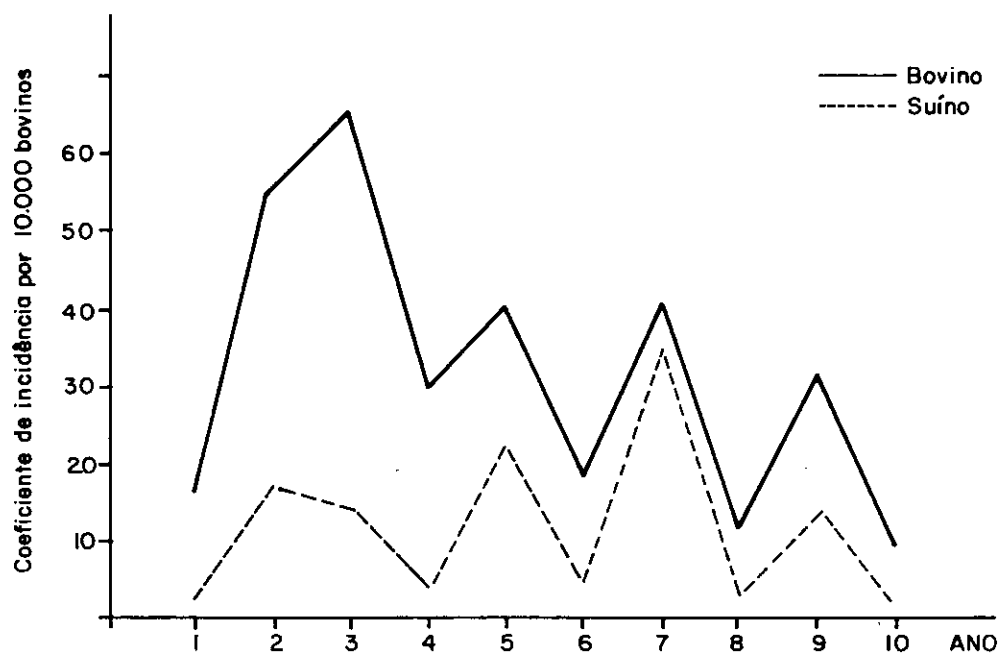


GRÁFICO I - Coeficiente de incidência da febre aftosa nas espécies bovina e suína. Santa Catarina, Brasil, 1971-1980.

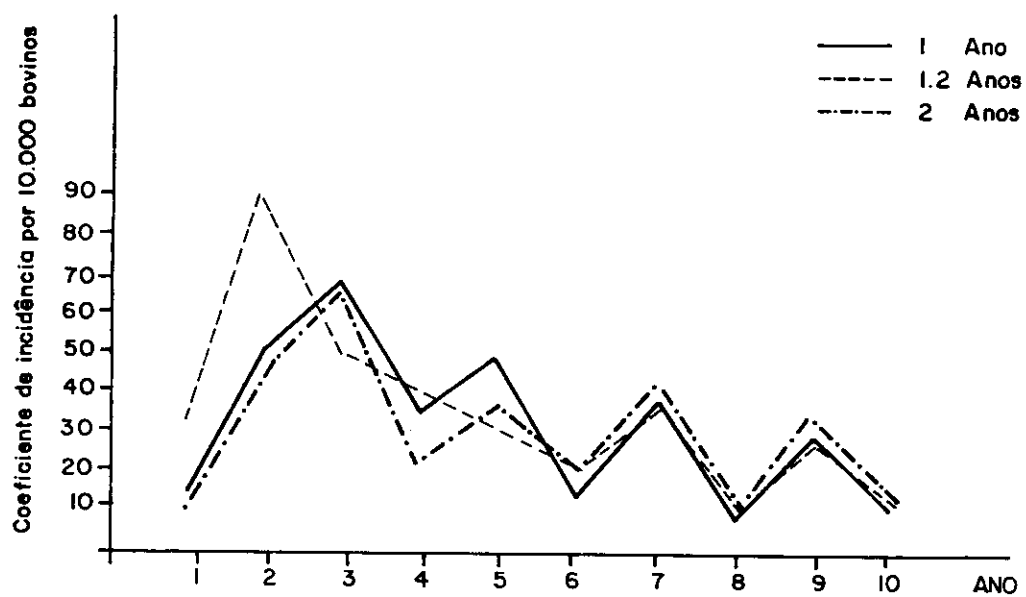


GRAFICO 2 - Coeficiente de incidência da febre aftosa na espécie bovina por faixa etária, Santa Catarina, Brasil, 1971/1980.

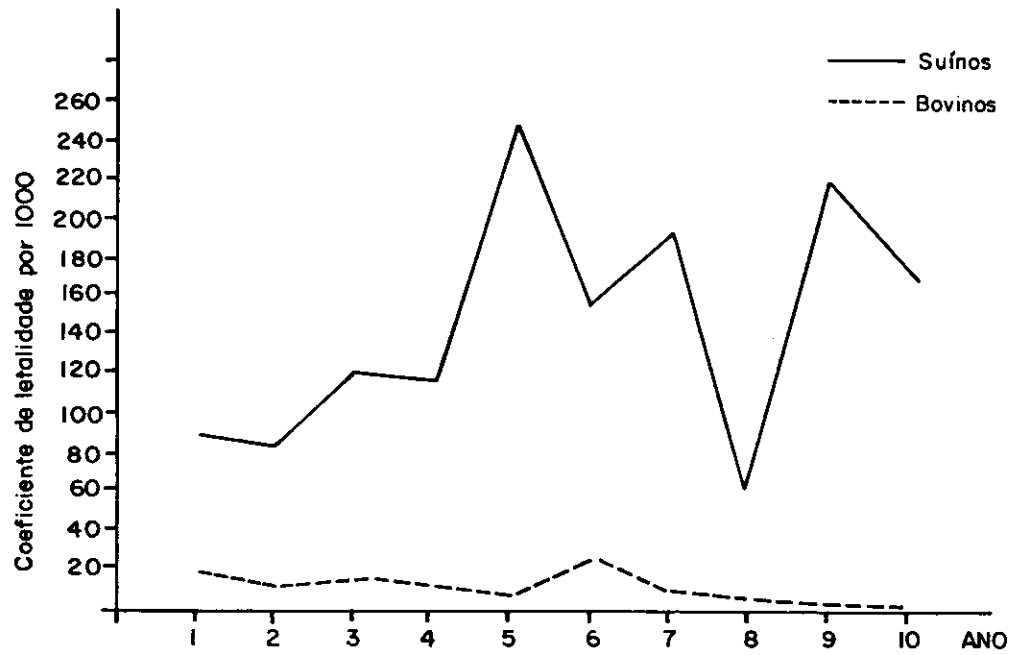


GRÁFICO 3 - Coeficiente de letalidade da febre aftosa nas espécies bovina e suína, Santa Catarina, Brasil, 1971/1980.

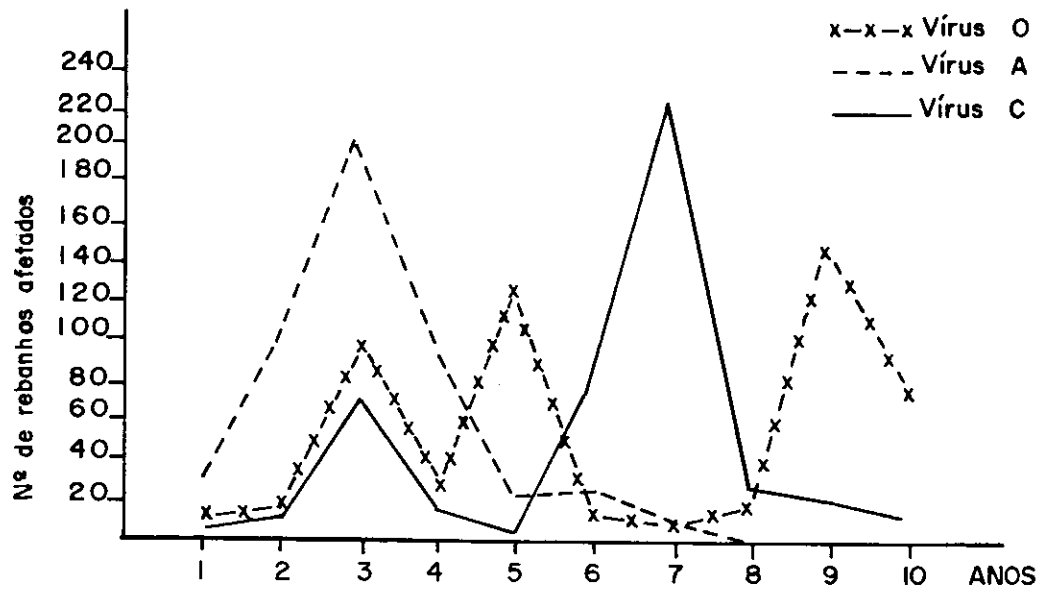


GRÁFICO 4 - Tipificação de vírus de Febre Aftosa, Santa Catarina, Brasil, 1971 - 1980 .

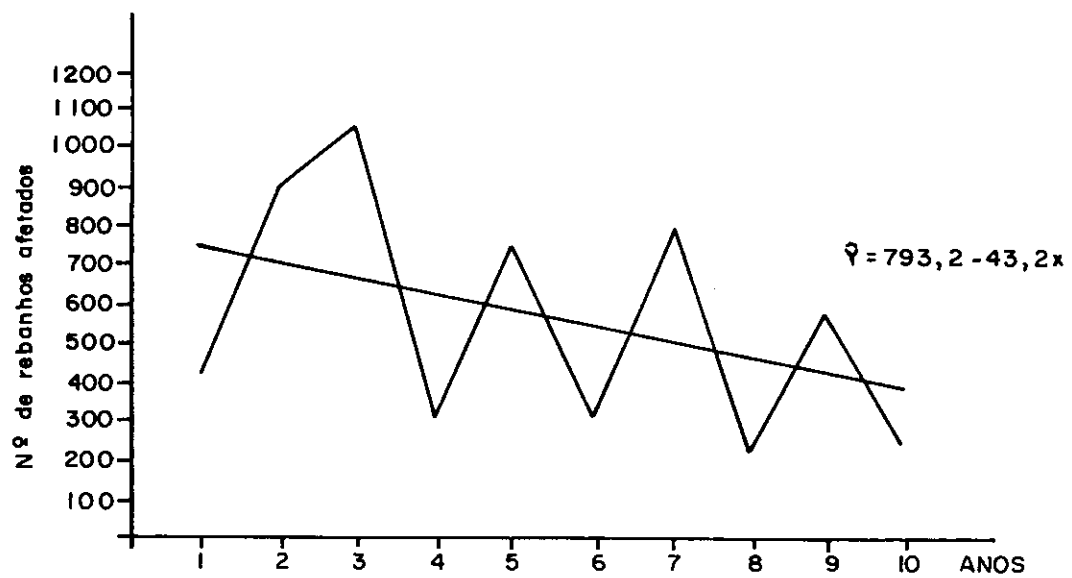


GRÁFICO 5 - Tendência secular da febre aftosa, Santa Catarina, Brasil, 1971/1980.



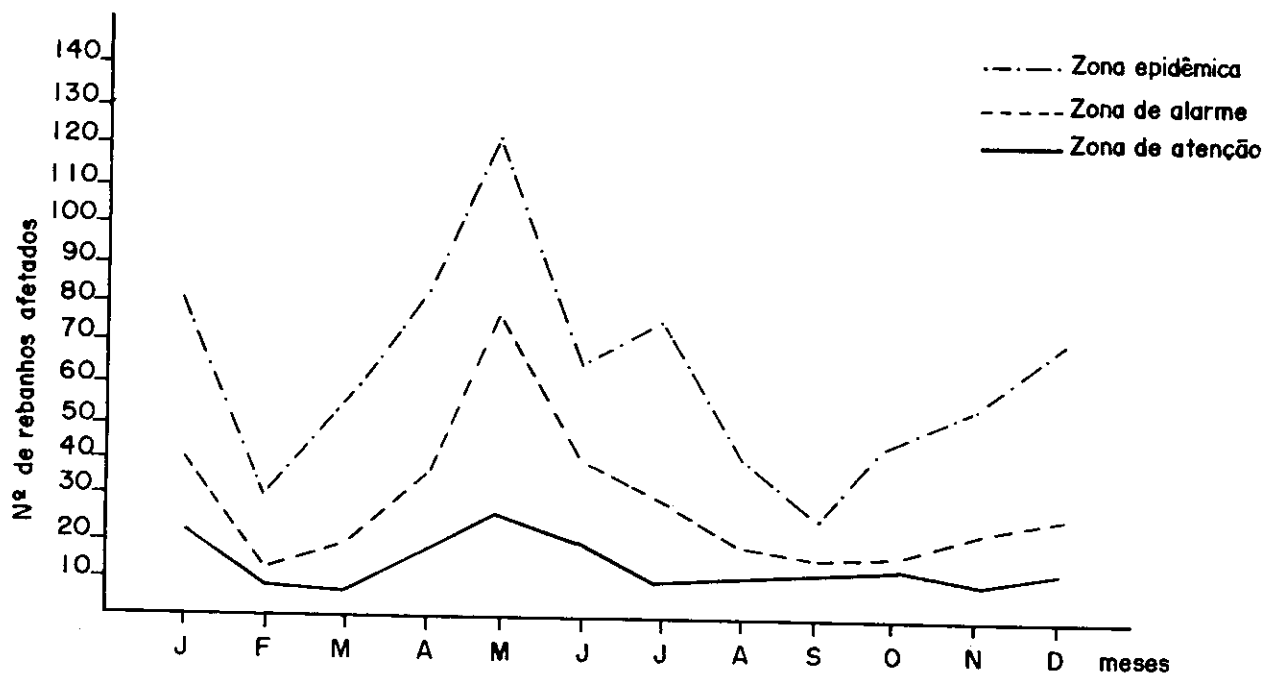


GRÁFICO 6 - Vigilância da Febre Aftosa, indicador epidêmico, Santa Catarina, Brasil, 1971 - 1980.

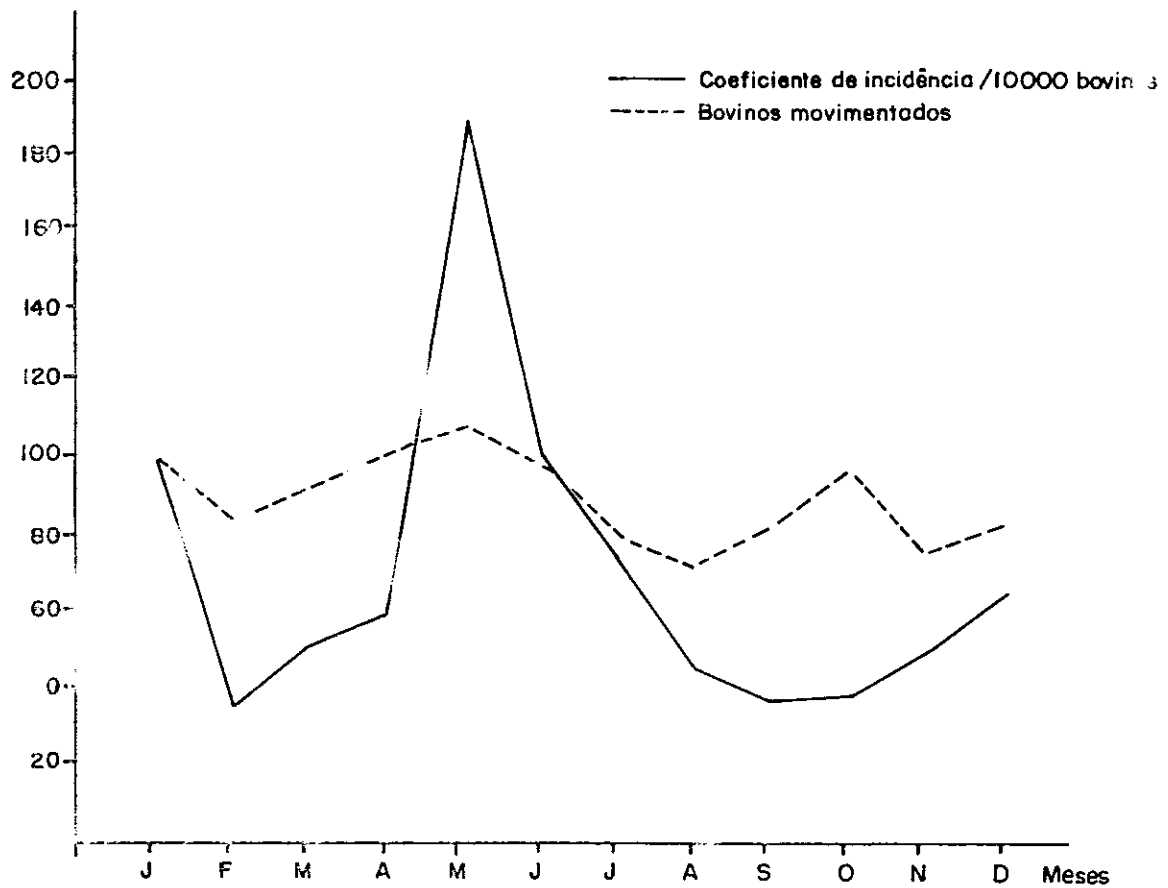


GRÁFICO 7 - Índices da mediana do coeficiente de incidência da febre aftosa em bovinos e da mediana do número de bovinos movimentados no Estado de Santa Catarina, Brasil, 1971/1980.

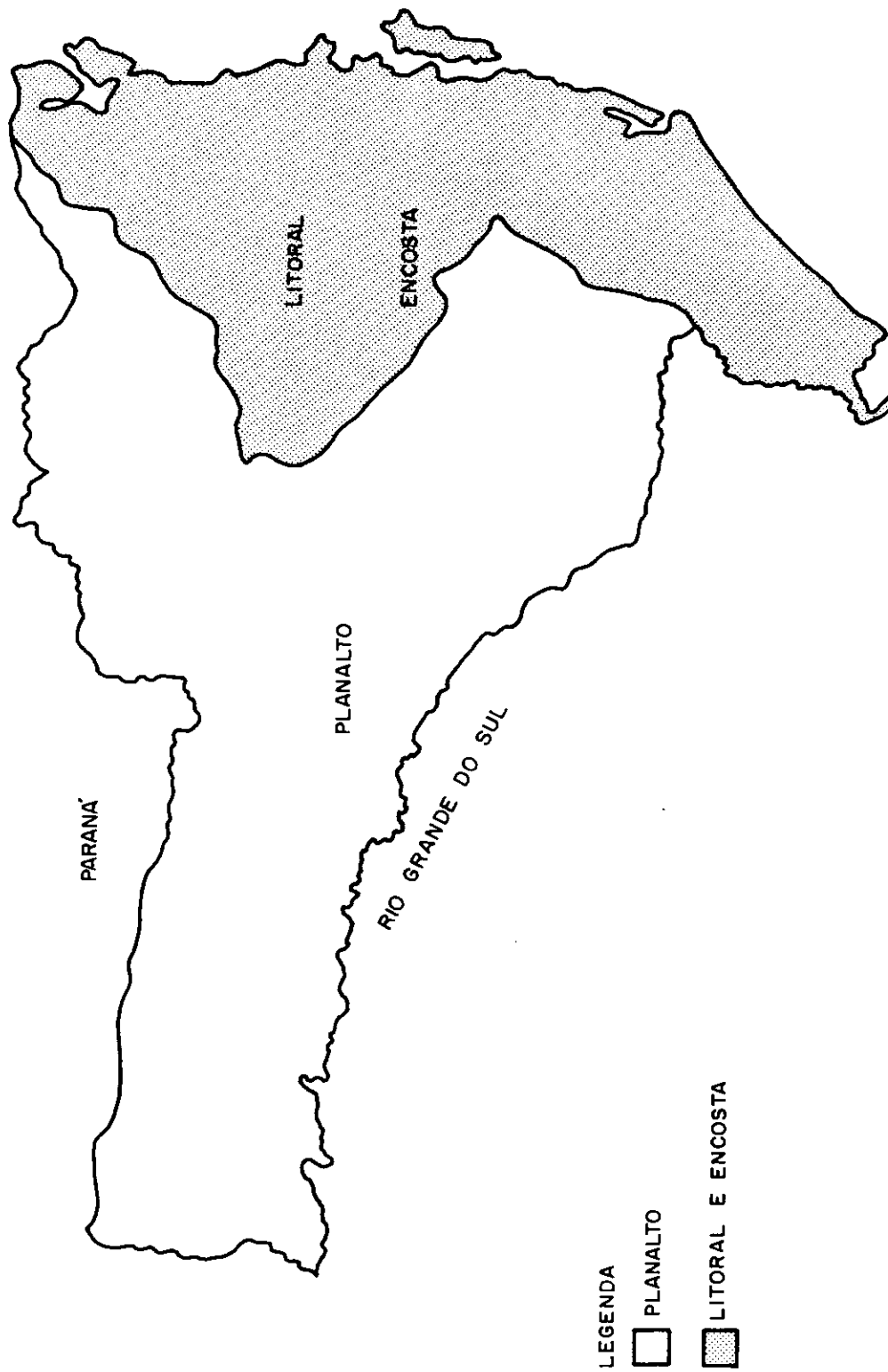


FIGURA Nº 01 - Grandes regiões, Santa Catarina, Brasil, 1977

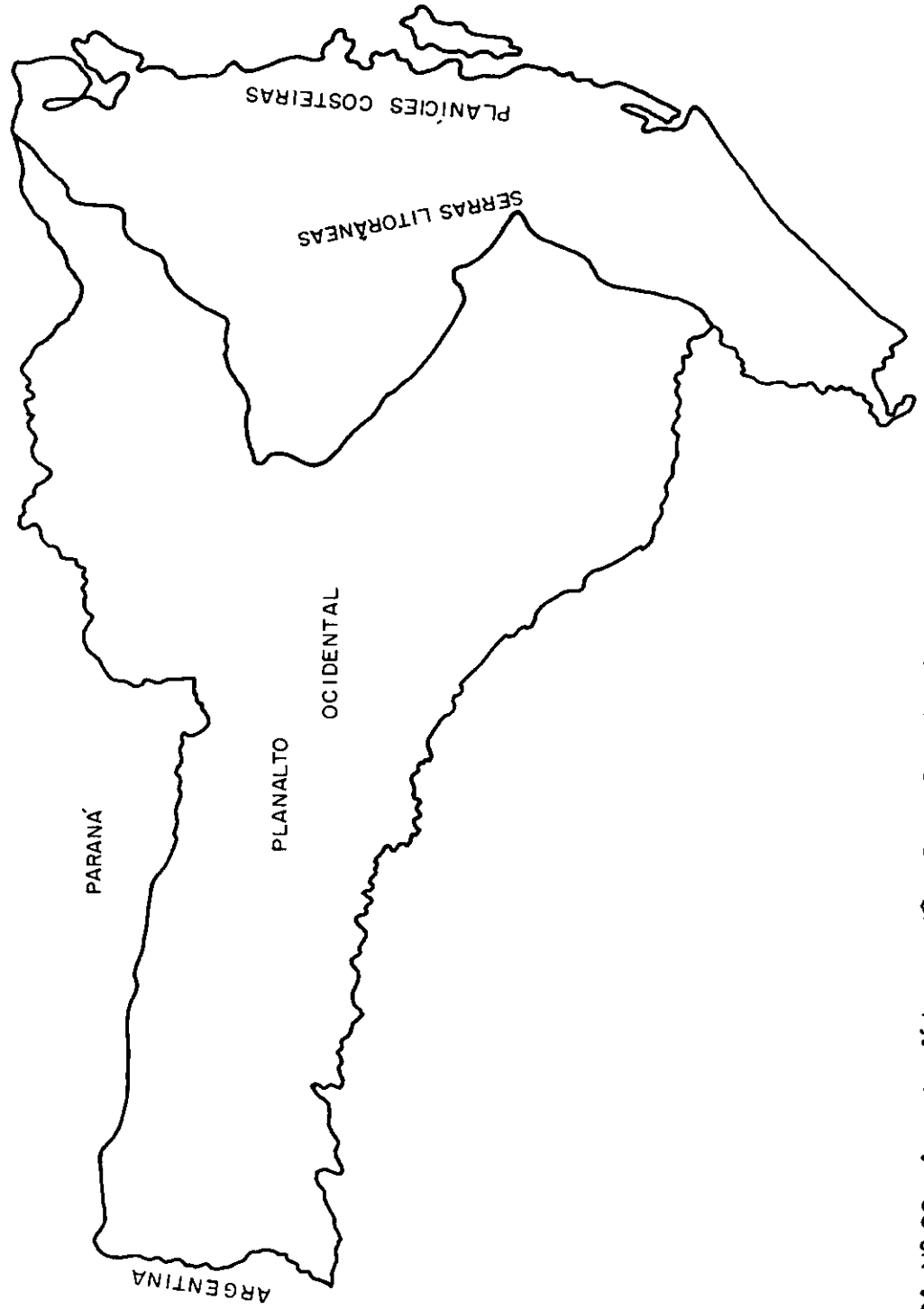


FIGURA Nº 02 - Aspectos físicos - relevo, Santa Catarina, Brasil, 1980

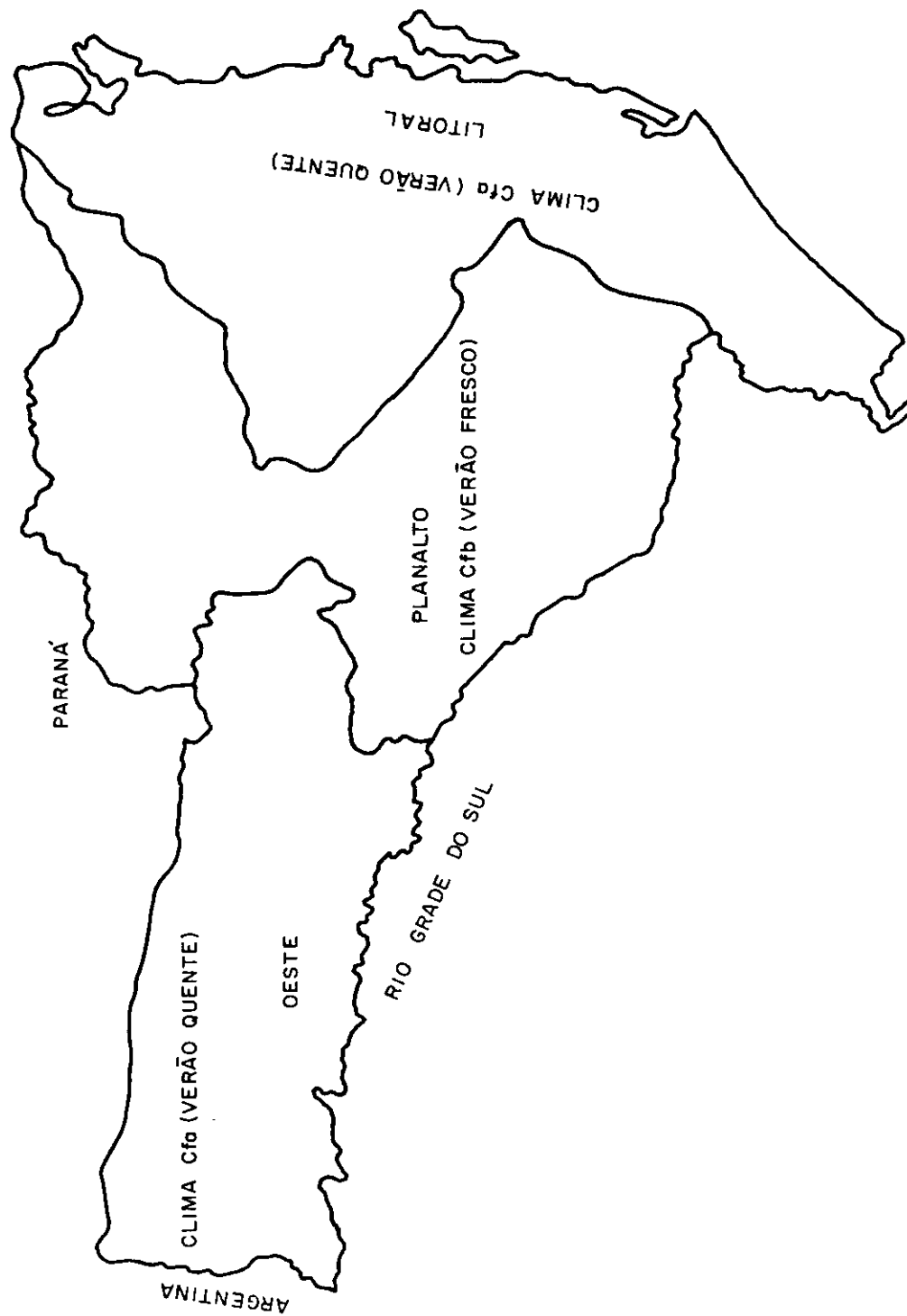


FIGURA Nº 03 - Clima predominante, Santa Catarina, Brasil, 1977

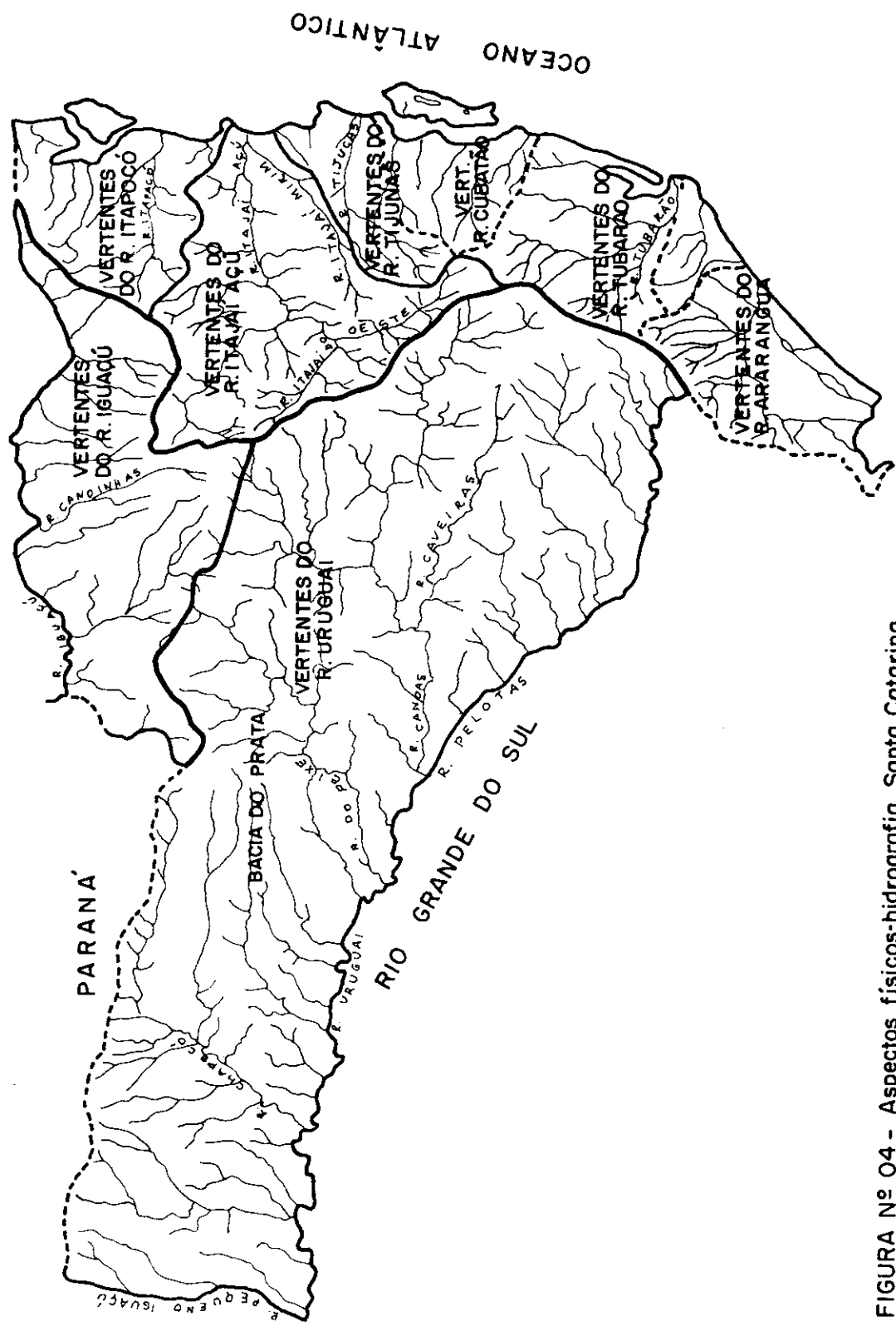
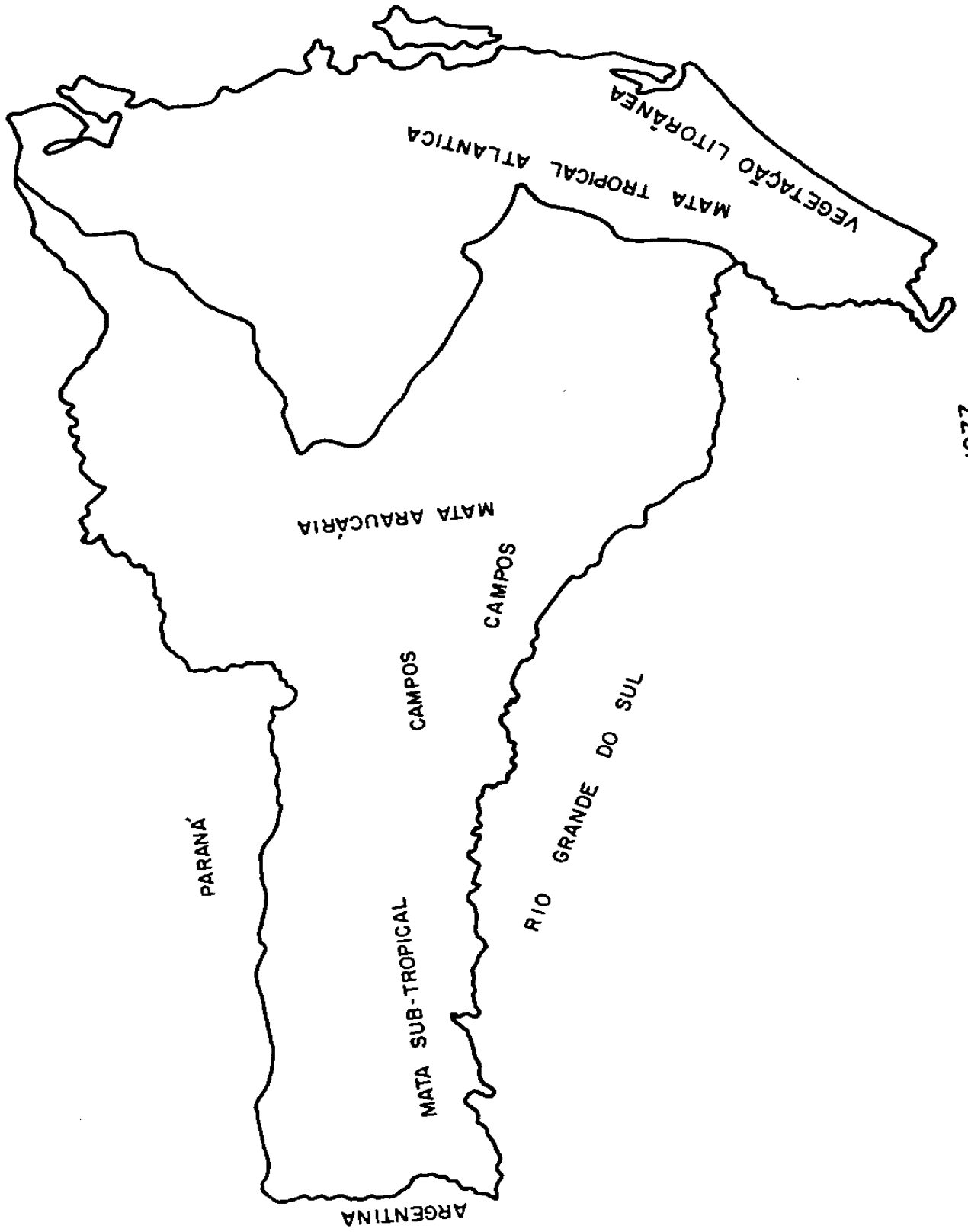


FIGURA Nº 04 - Aspectos físicos-hidrografia, Santa Catarina, Brasil, 1977



Vegetação predominante, Santa Catarina, Brasil, 1977

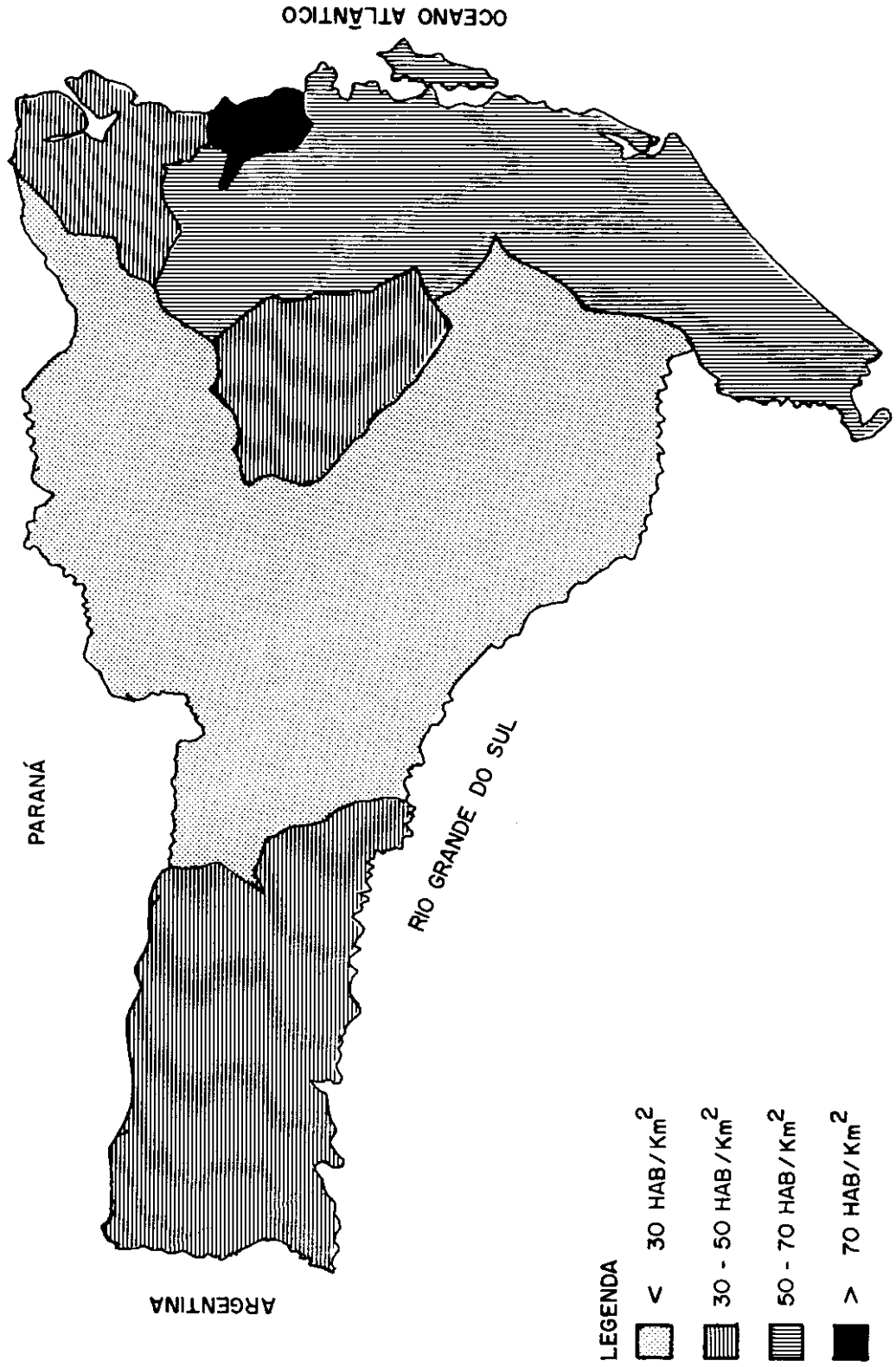


FIGURA Nº 06 - Densidade demográfica, Santa Catarina, 1975.



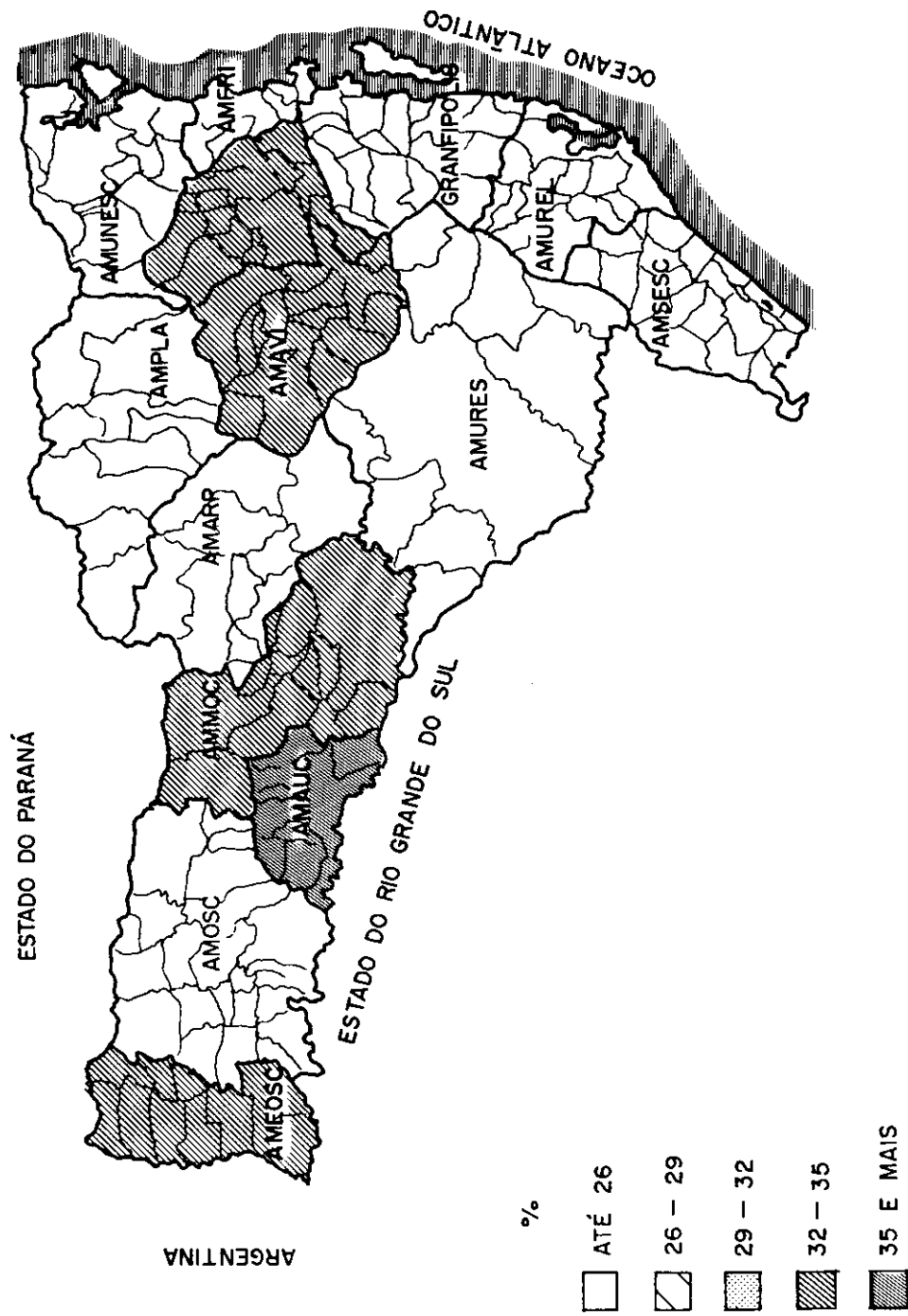


FIGURA Nº 07 - População economicamente ativa - Santa Catarina, Brasil, 1975.



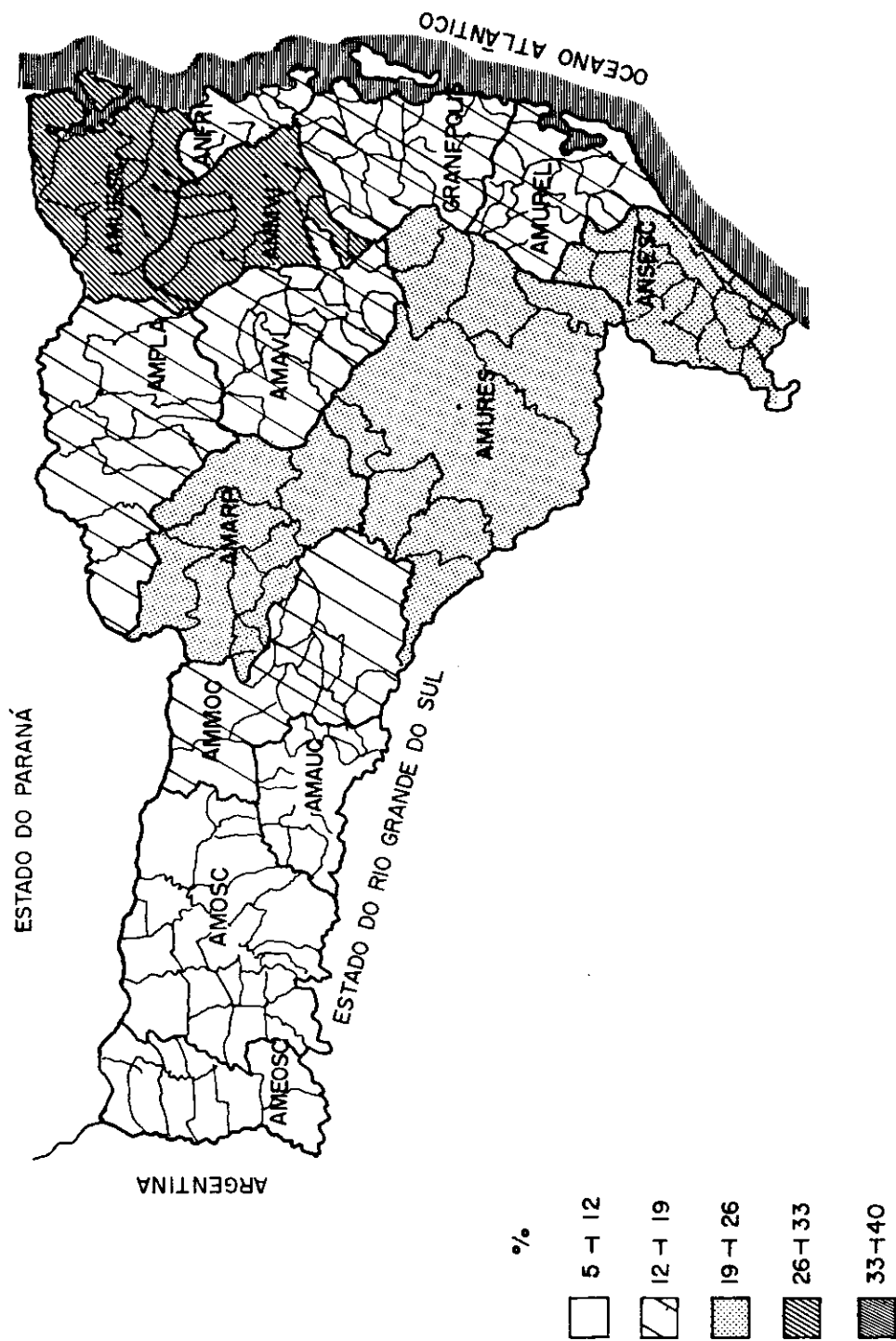


FIGURA Nº 09 - População economicamente ativa no setor secundário, Santa Catarina, Brasil, 1975.

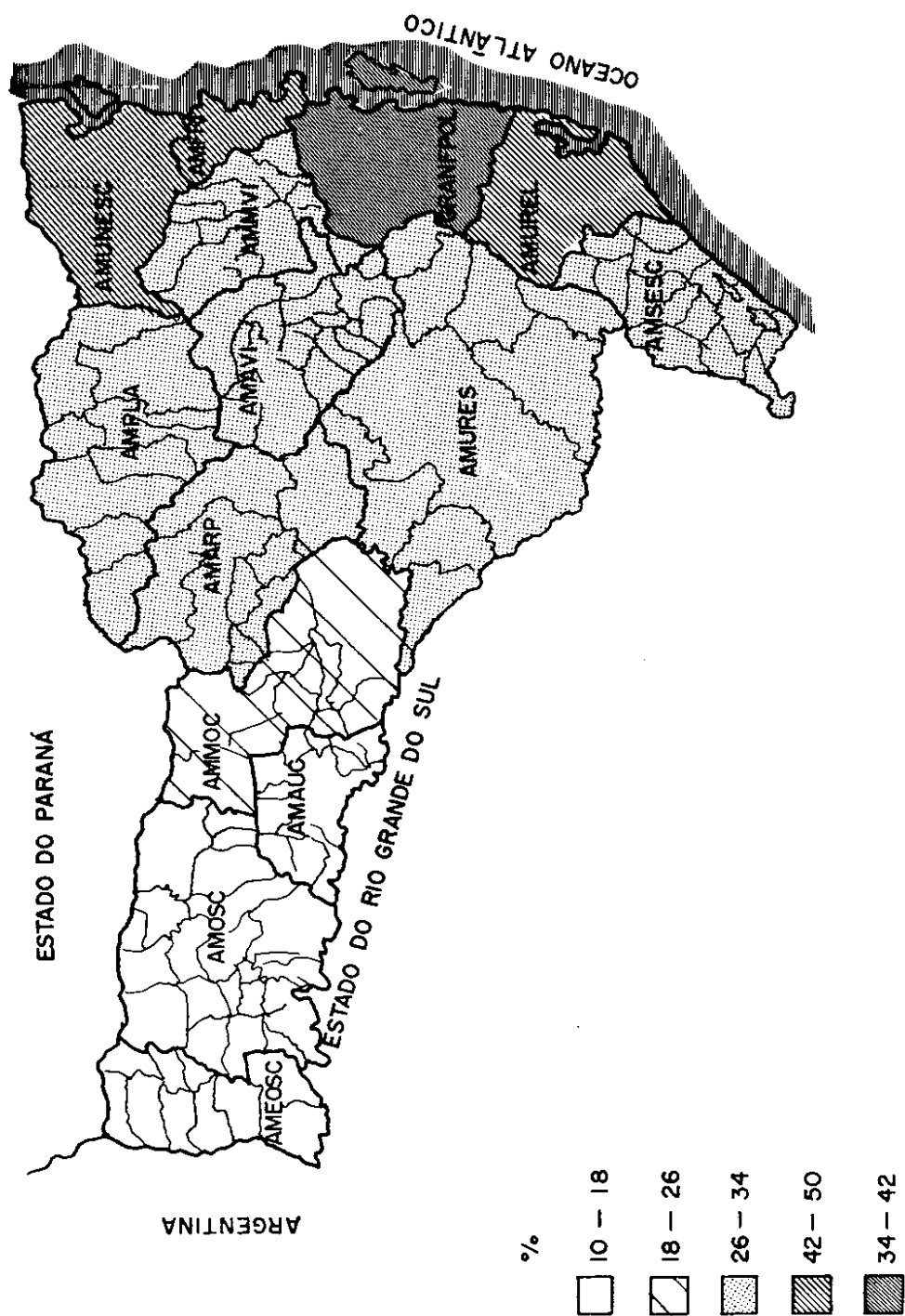


FIGURA Nº 10 - População economicamente ativa no setor terciário, Santa Catarina, Brasil, 1975 .

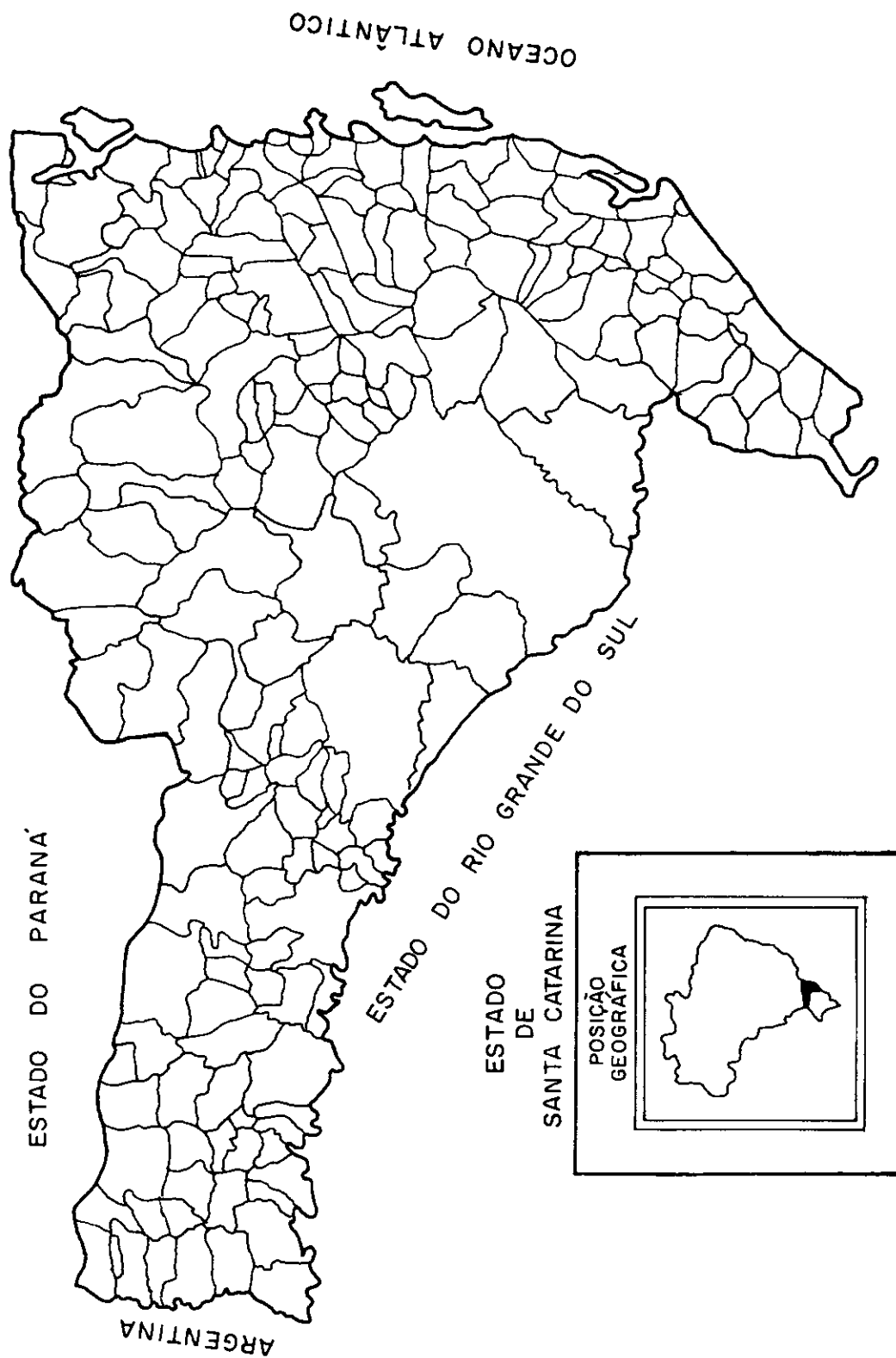
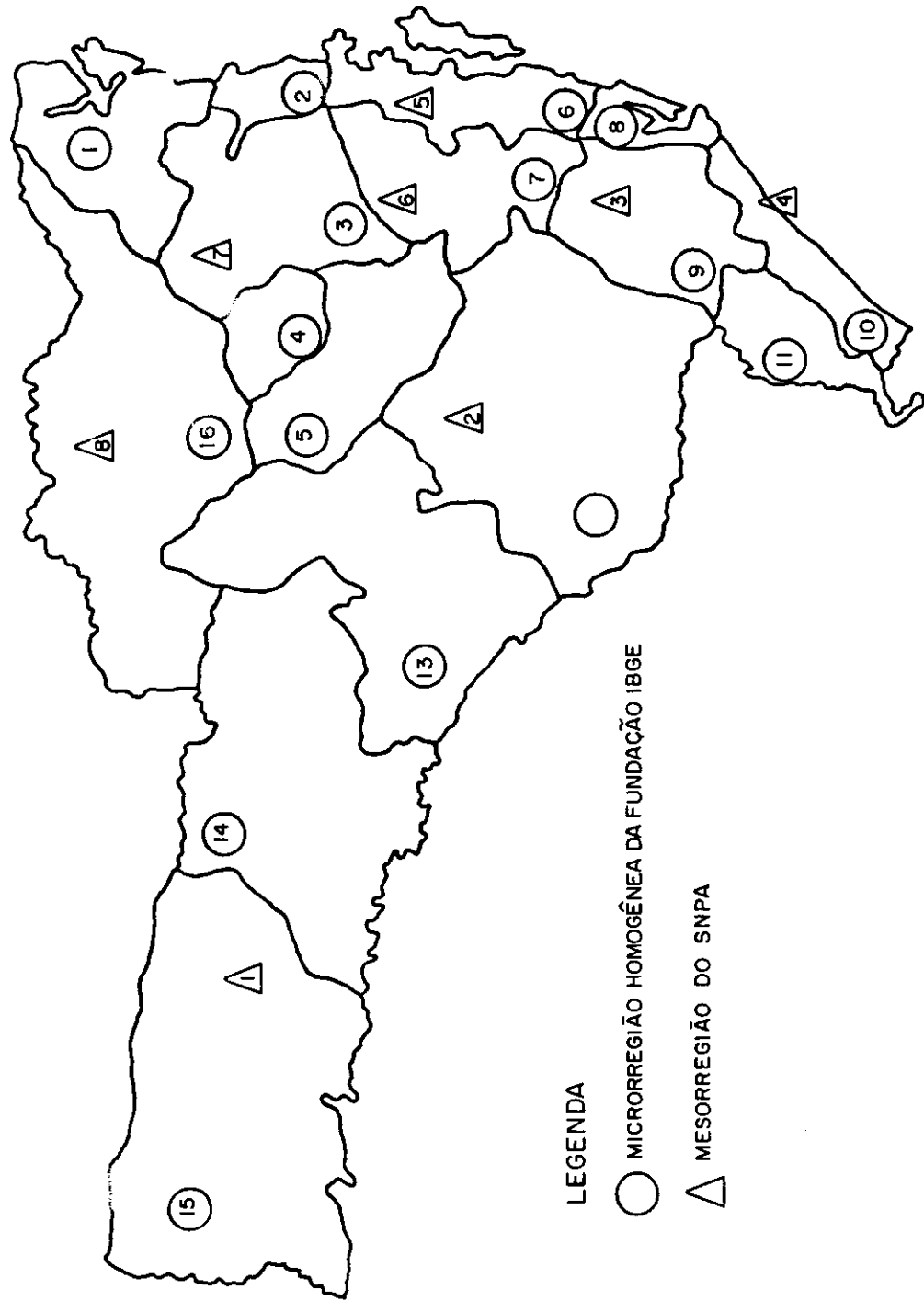


FIGURA Nº II - Divisão política administrativa, Santa Catarina, Brasil, 1980



LEGENDA

○ MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA FUNDAÇÃO IBGE

△ MESORREGIÃO DO SNPA

FIGURA Nº 12 - Divisão político-econômica, Santa Catarina, Brasil, 1980

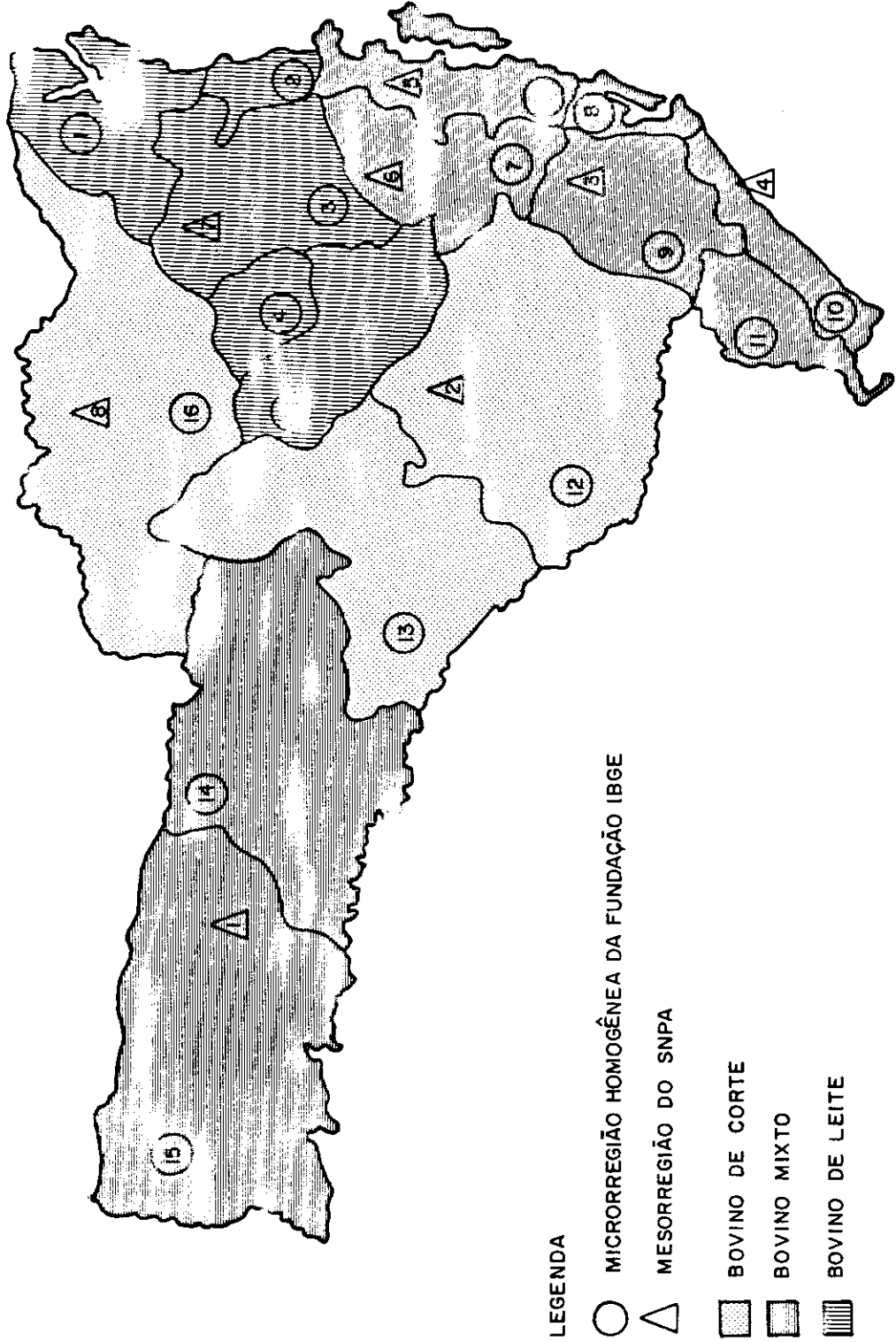
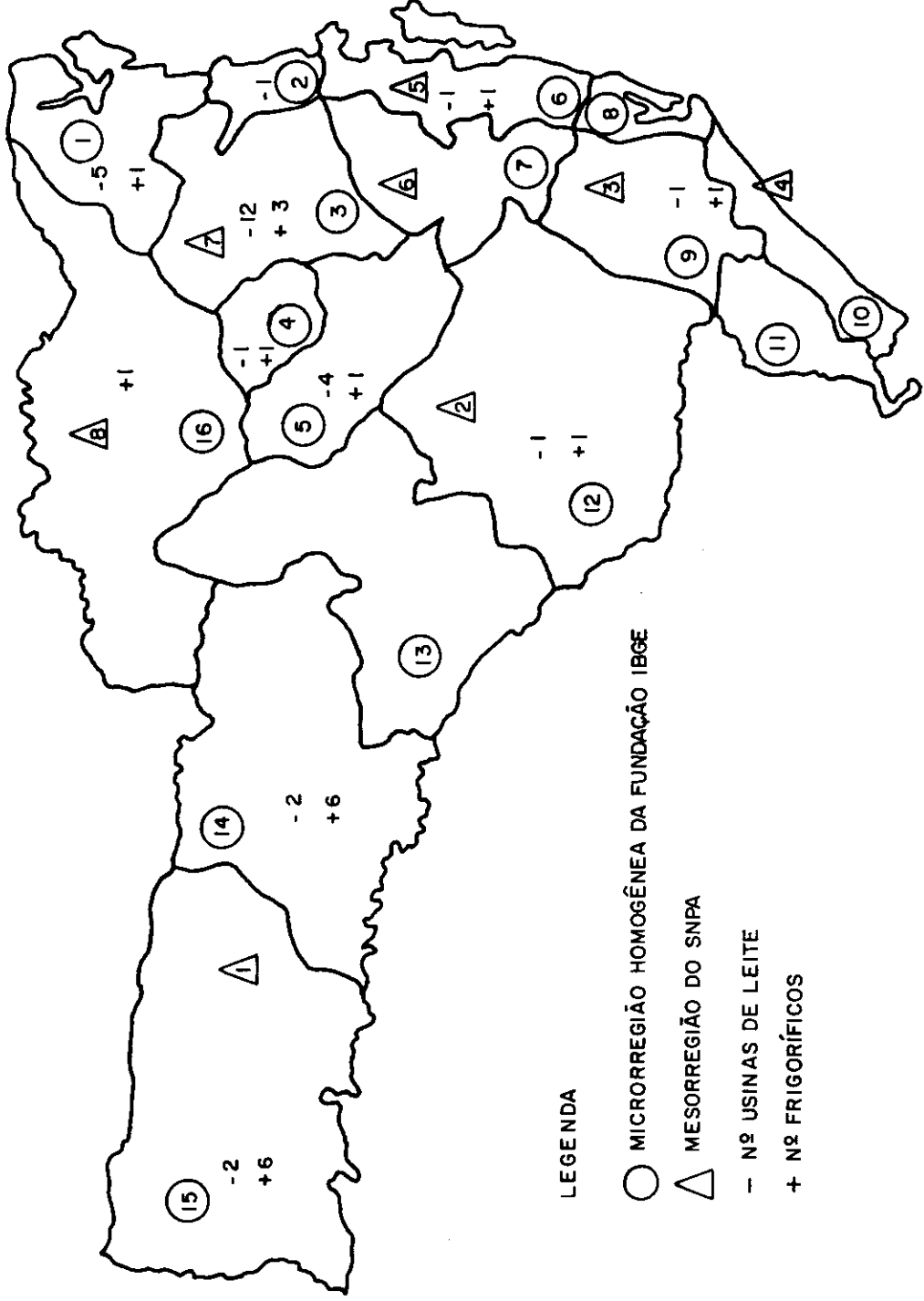


FIGURA Nº 13 - Zoneamento da bovinocultura tendo em vista a exploração dominante, Santa Catarina, Brasil, 1977



LEGENDA

○ MICROREGIÃO HOMOGÊNEA DA FUNDAÇÃO IBGE

△ MESORREGIÃO DO SNPA

- Nº USINAS DE LEITE

+ Nº FRIGORÍFICOS

FIGURA Nº 14 - Localização dos frigoríficos e matadouros e indústrias de laticínios, Santa Catarina, Brasil, 1980



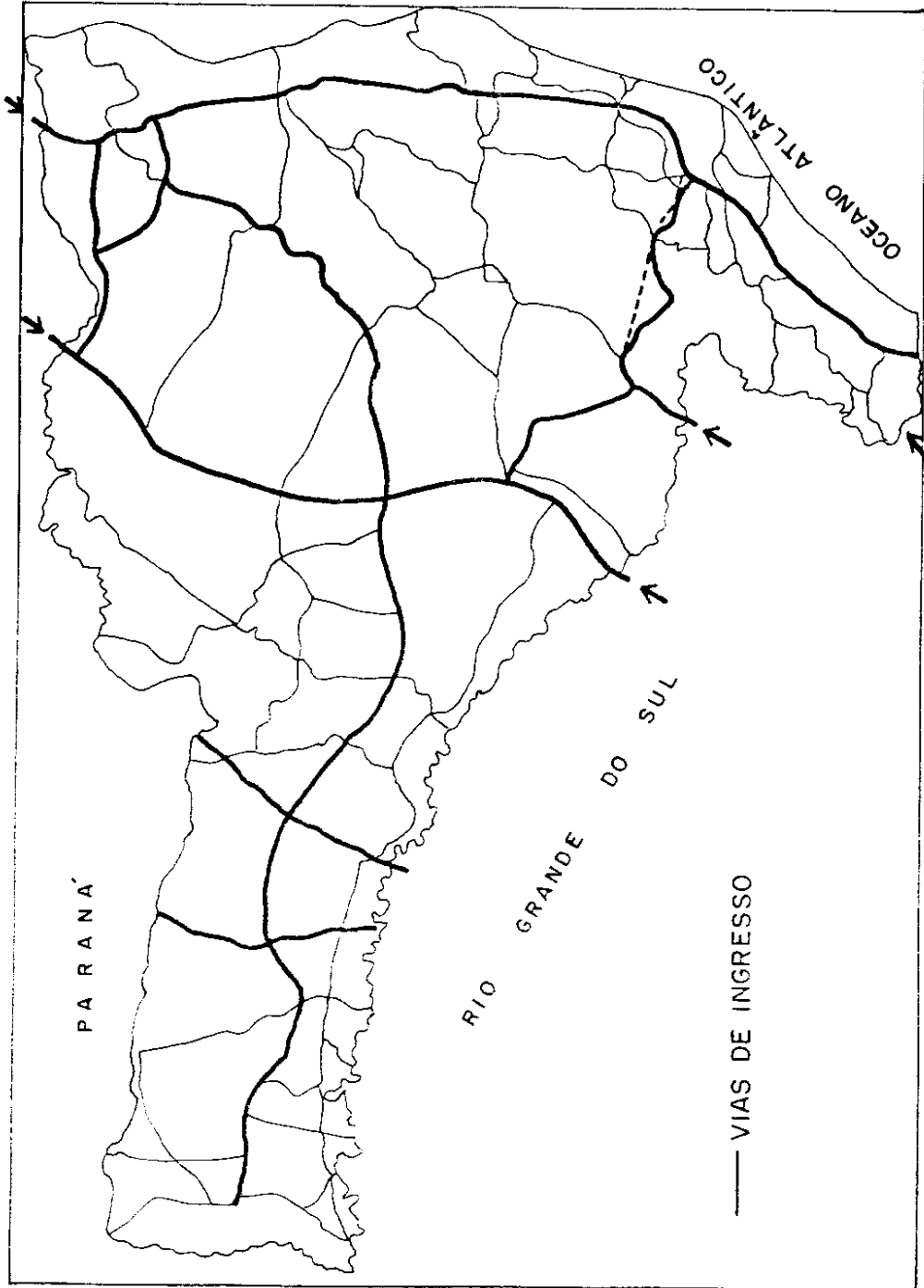


FIGURA Nº 15 - Principais vias de ingresso de bovinos, Santa Catarina, Brasil, 1980

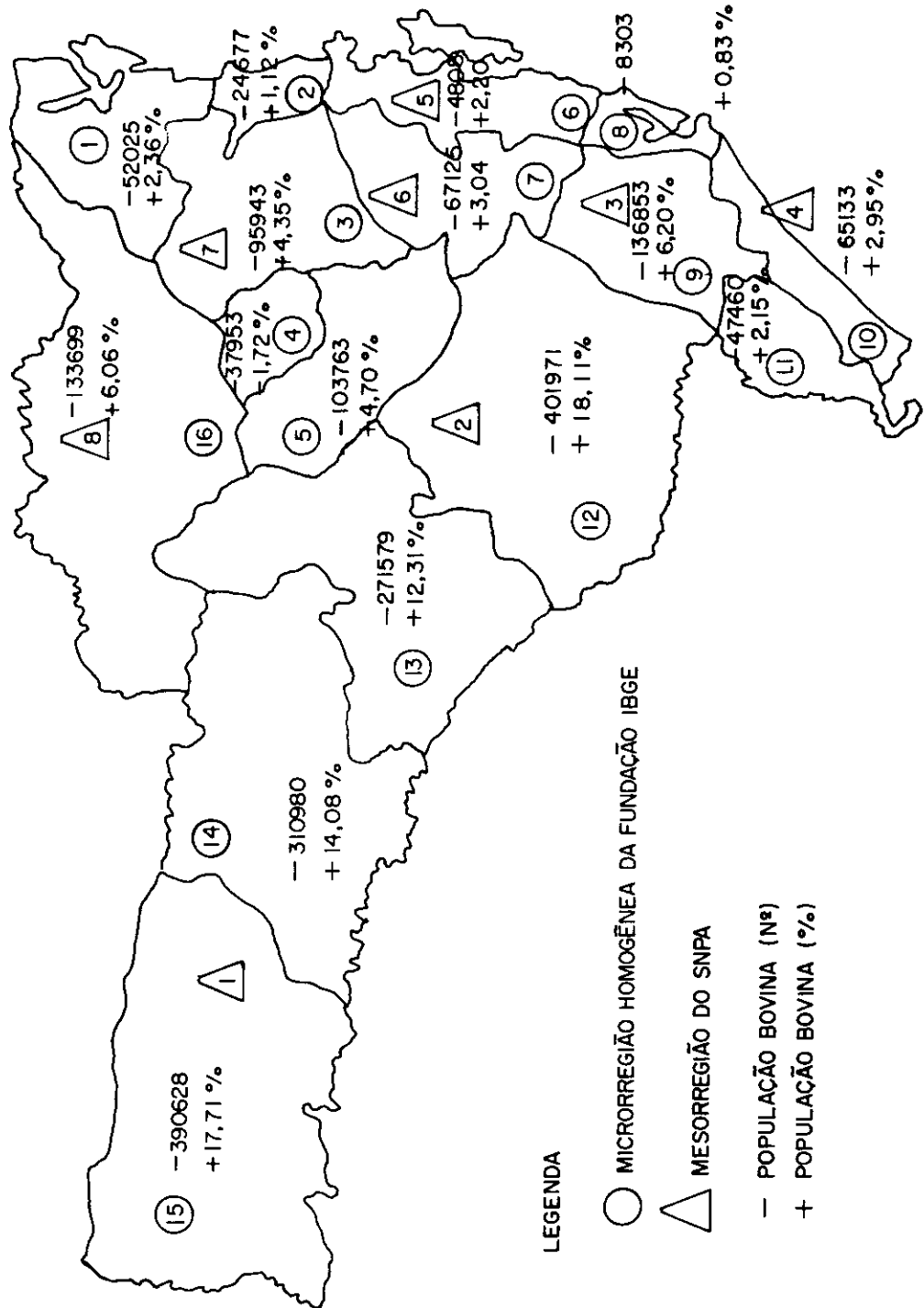
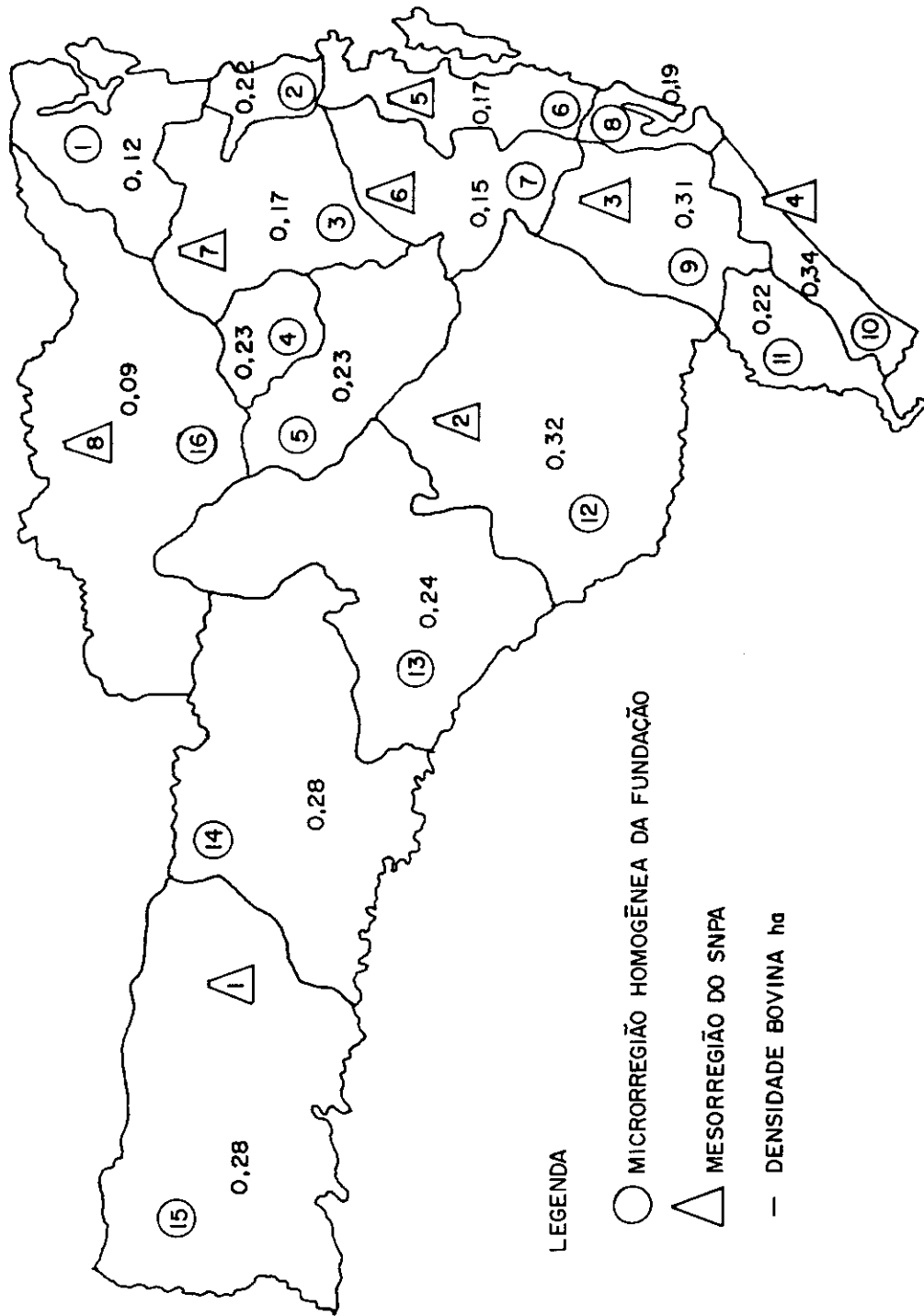


FIGURA Nº 16 - Número e percentual de bovinos por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.



LEGENDA

○ MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA FUNDAÇÃO

△ MESORREGIÃO DO SNPA

— DENSIDADE BOVINA ha

FIGURA Nº 17 - Densidade bovina por microrregiões, Santa Catarina, Brasil, 1980.

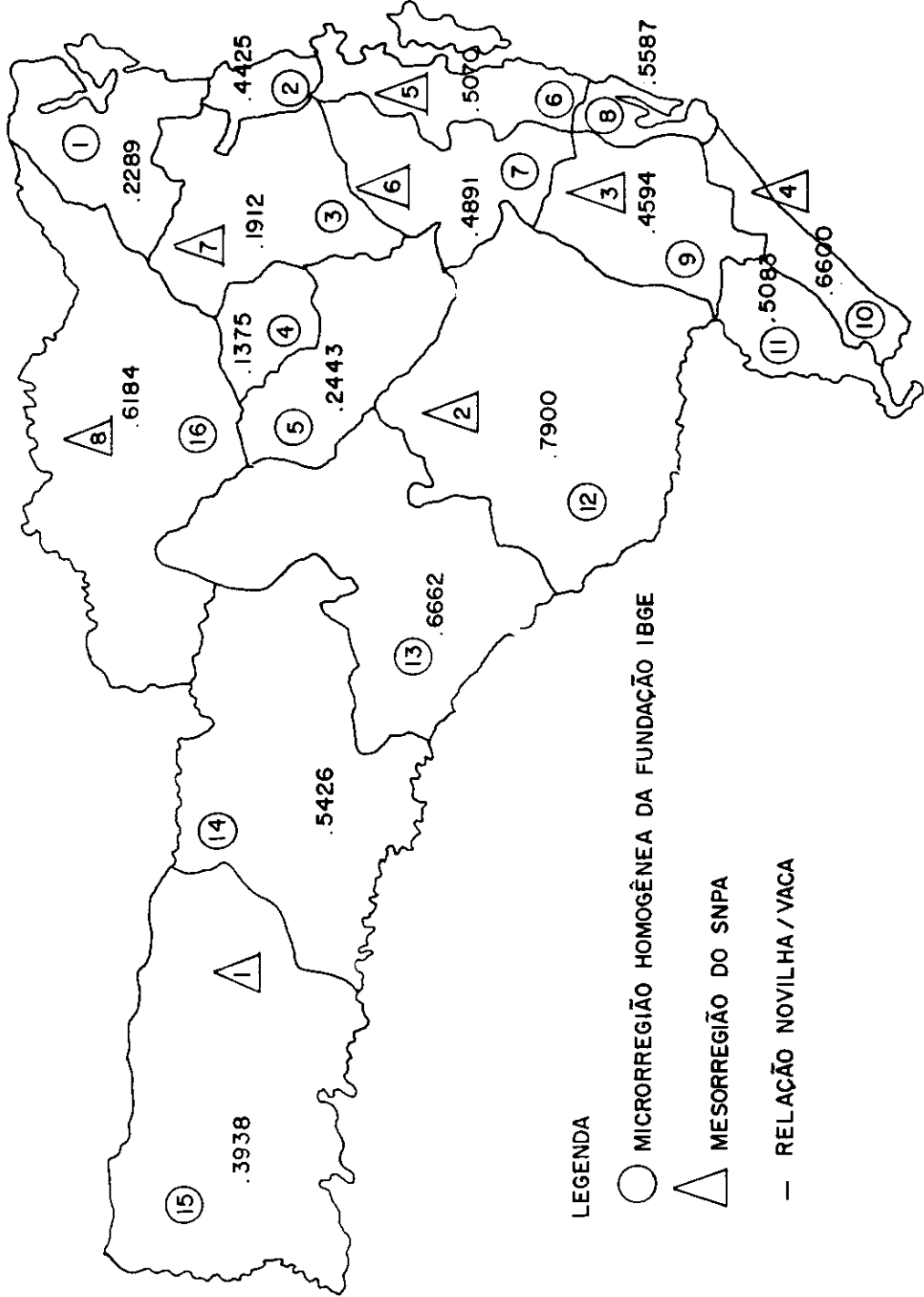


FIGURA Nº 18 - Relação novilho/vaca por microrregiões, Santa Catarina, Brasil, 1980.

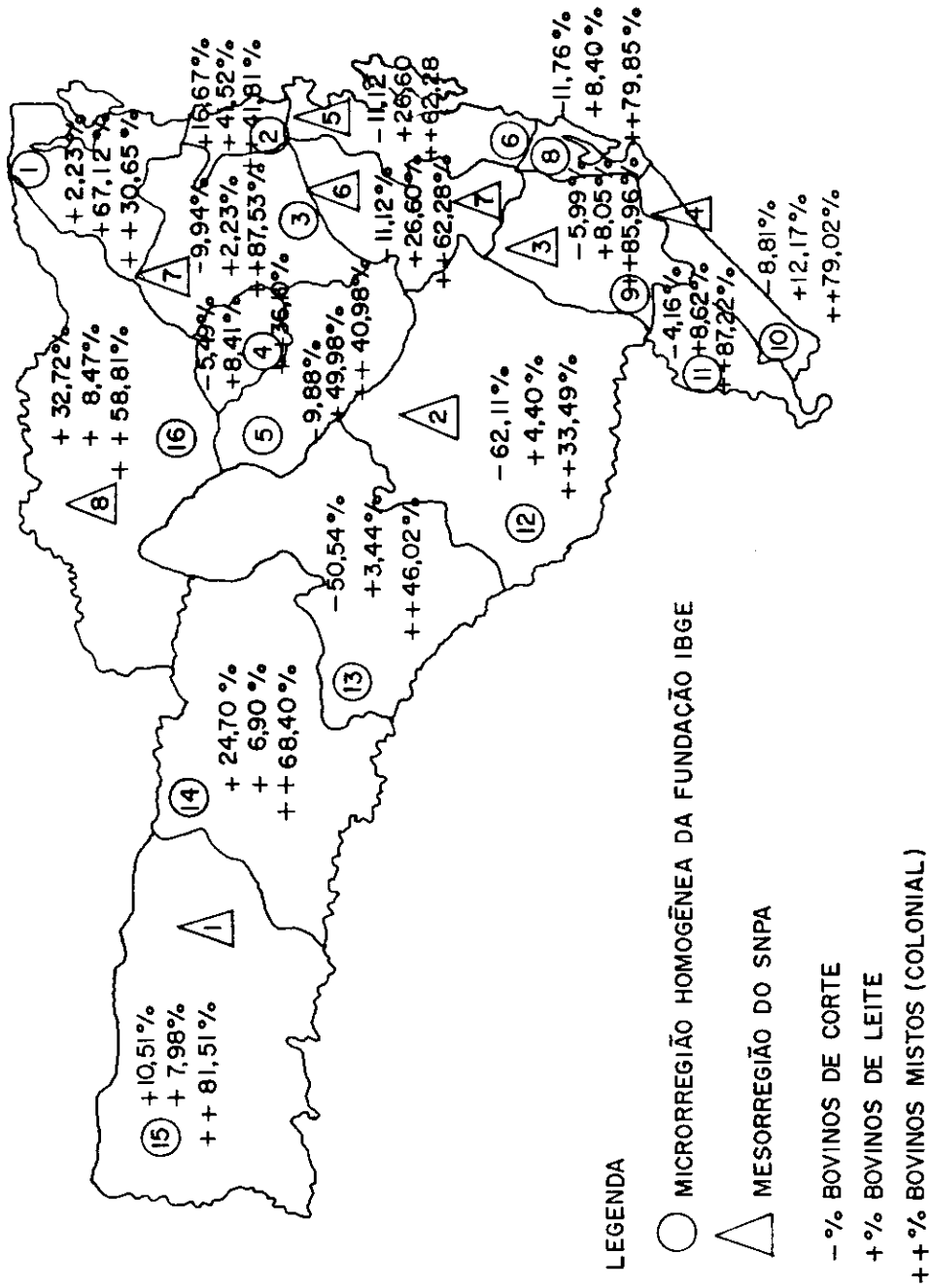


FIGURA Nº 19 - Percentual da população bovina de corte, leite e misto por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

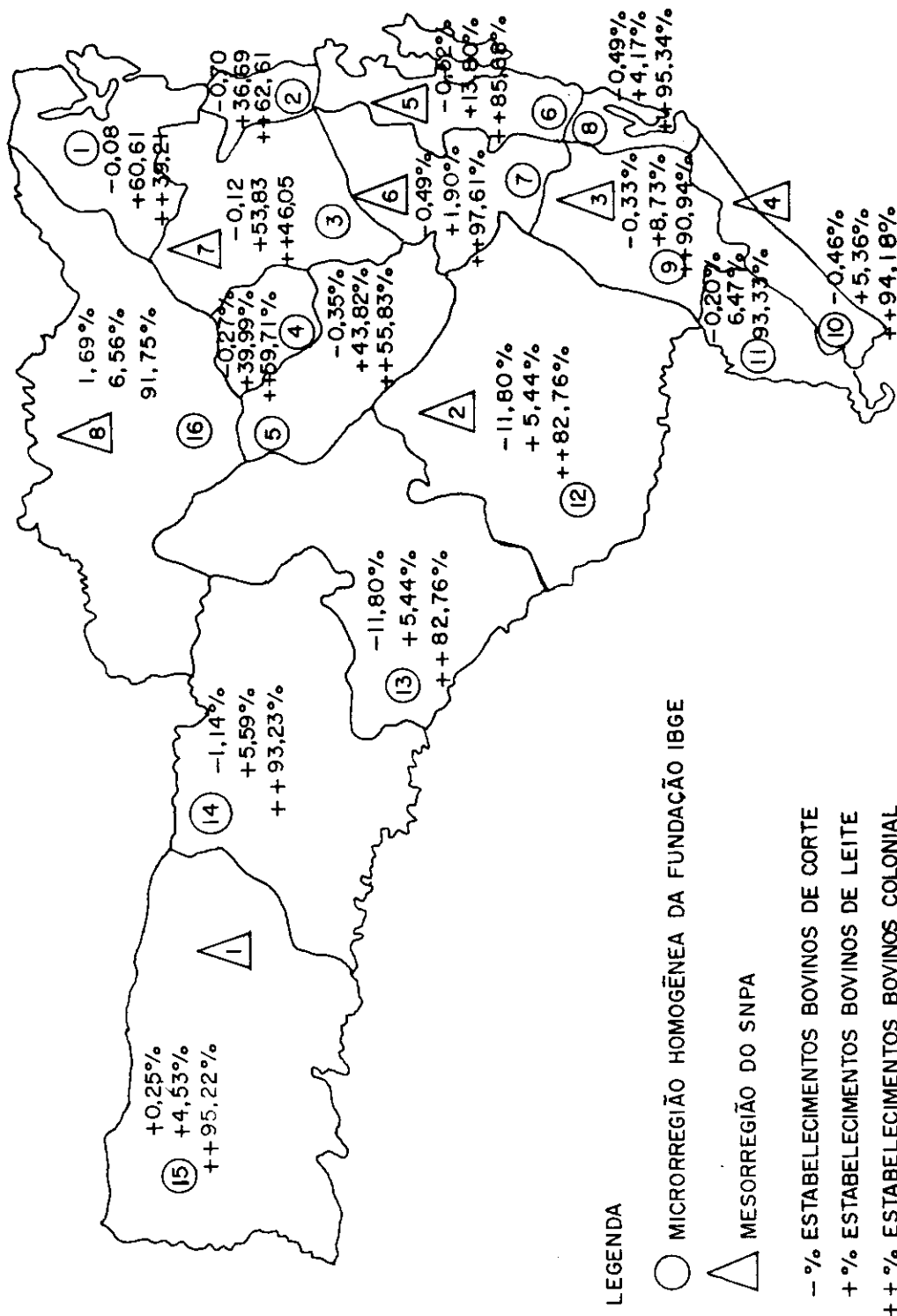


FIGURA Nº 20 - Percentual dos estabelecimentos com bovinos de corte, leite e misto por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

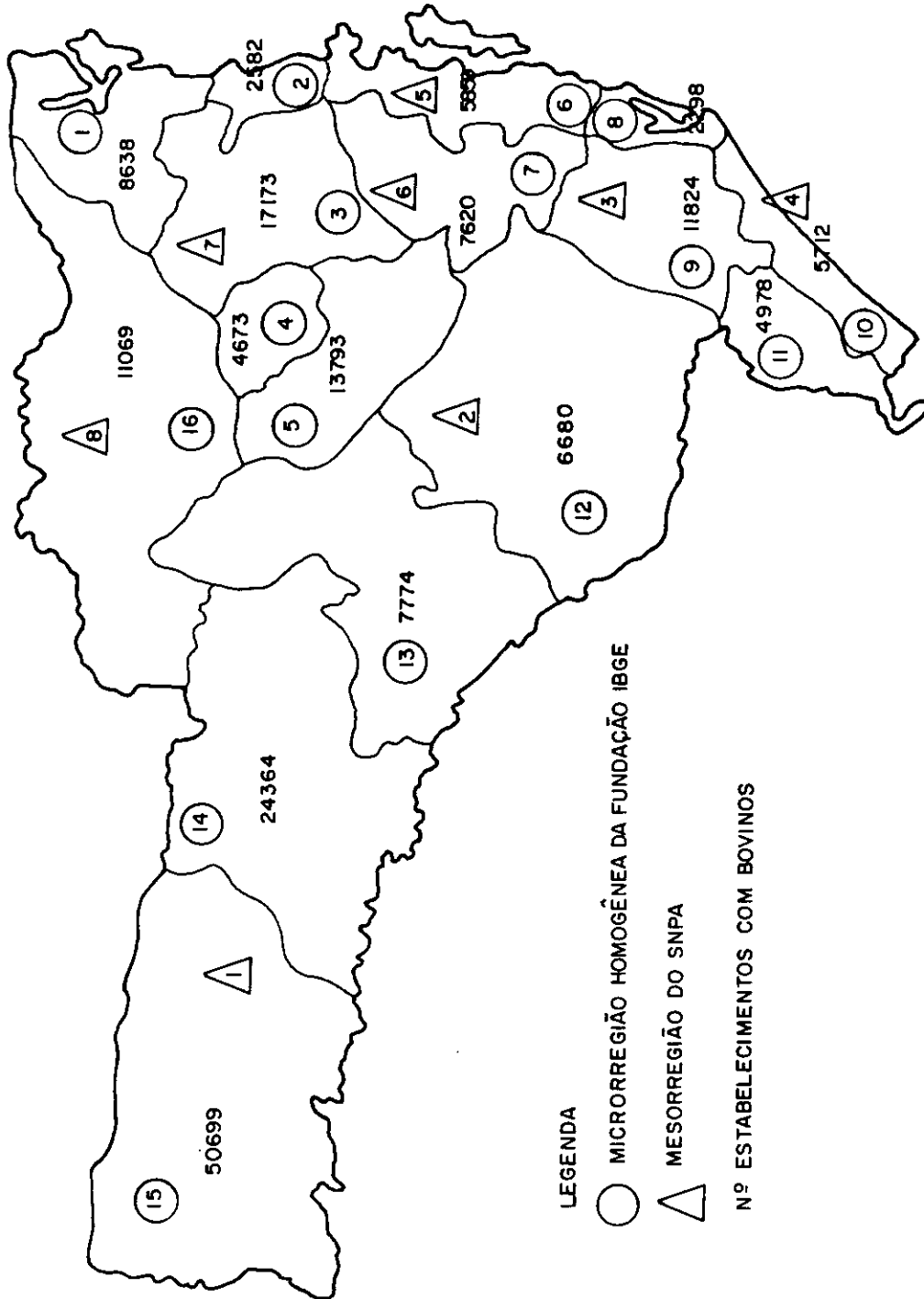


FIGURA Nº 21 - Número de estabelecimentos com bovinos por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

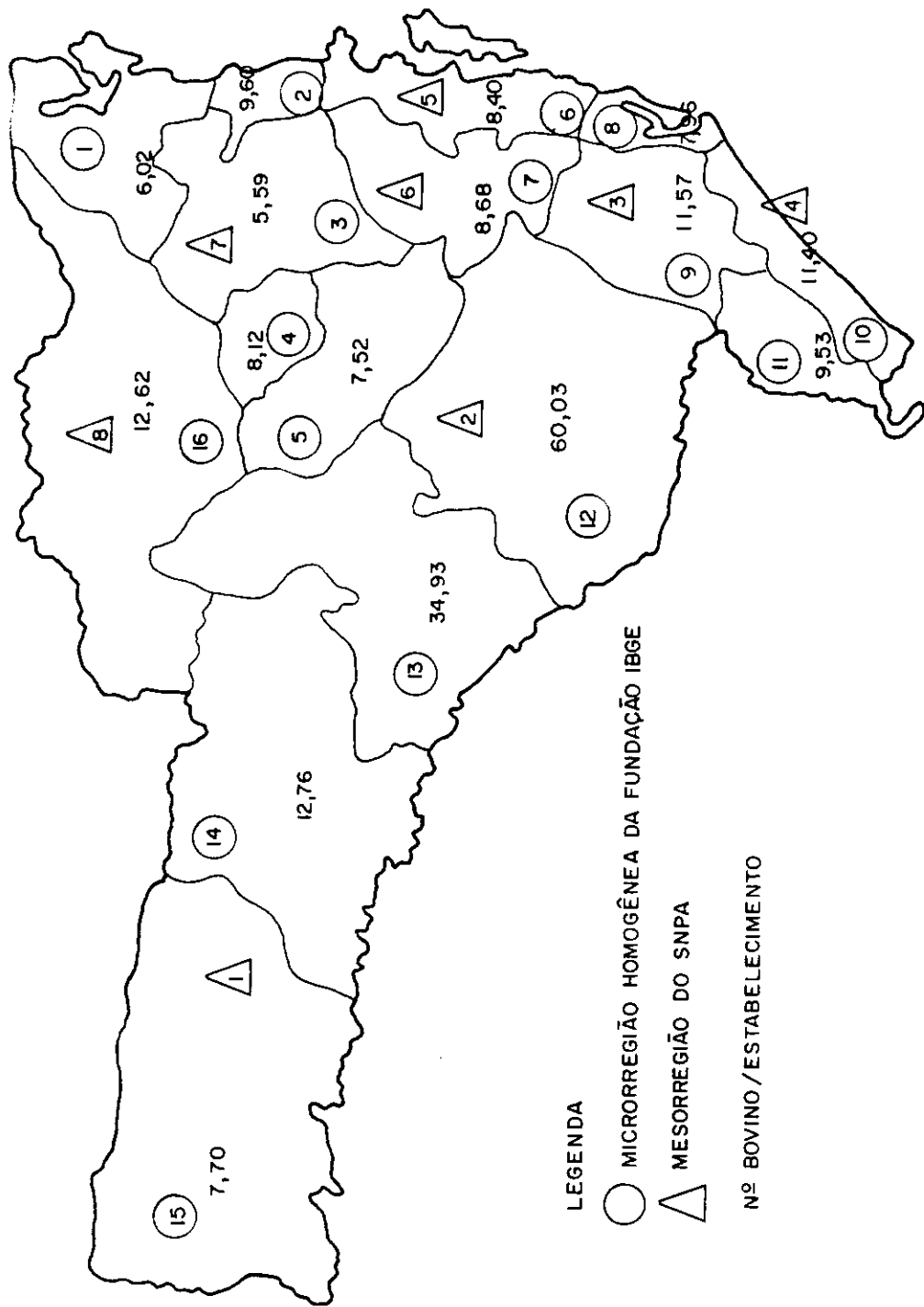


FIGURA Nº 22 - Número médio de bovinos/estabelecimentos por microrregiões, Santa Catarina, Brasil, 1980.



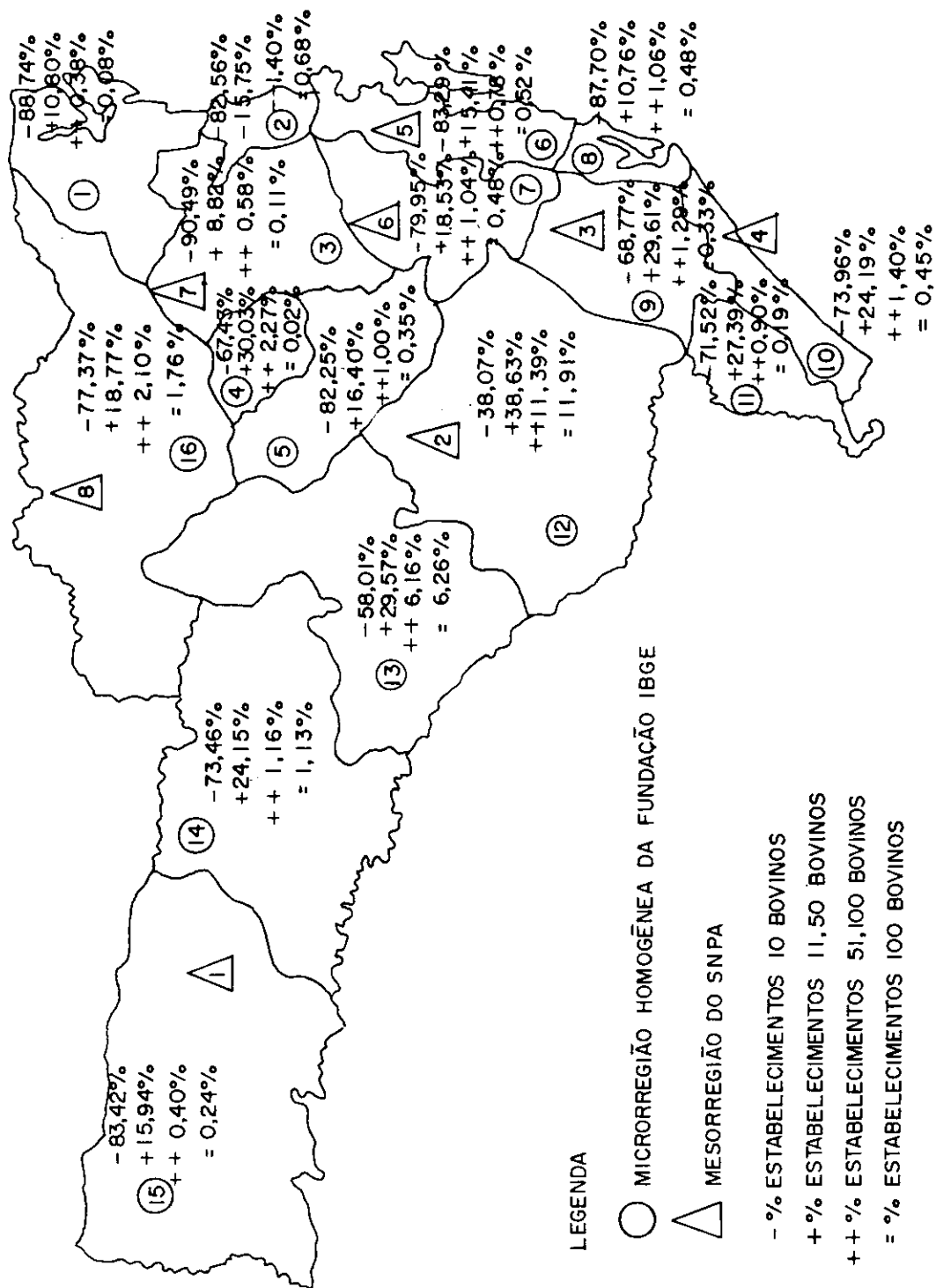


FIGURA Nº 23 - Percentual de estabelecimentos com 10 bovinos, 11-50 bovinos, 51-100 bovinos e 100 bovinos por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

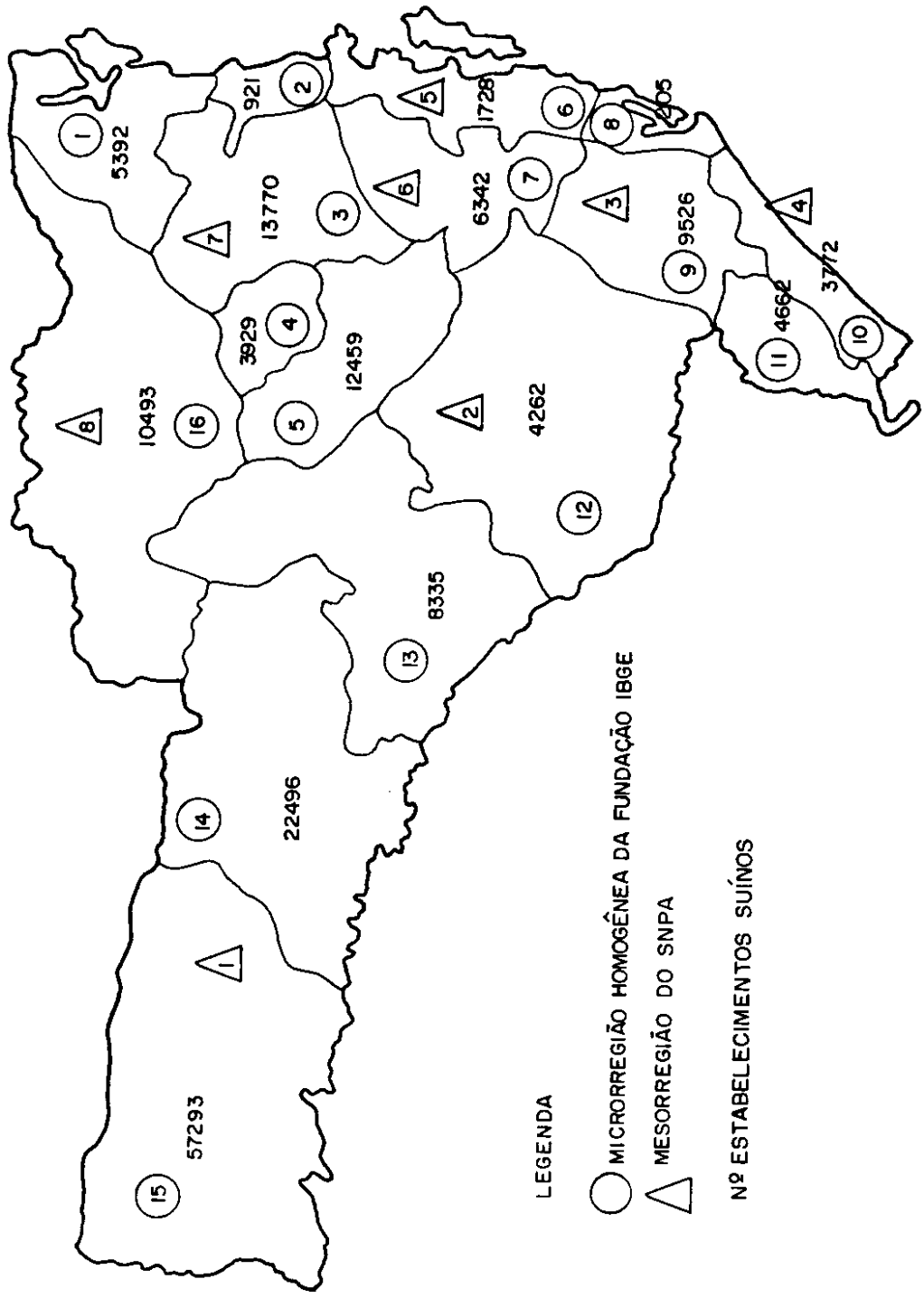


FIGURA Nº 24 - Número de estabelecimentos suínos por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980

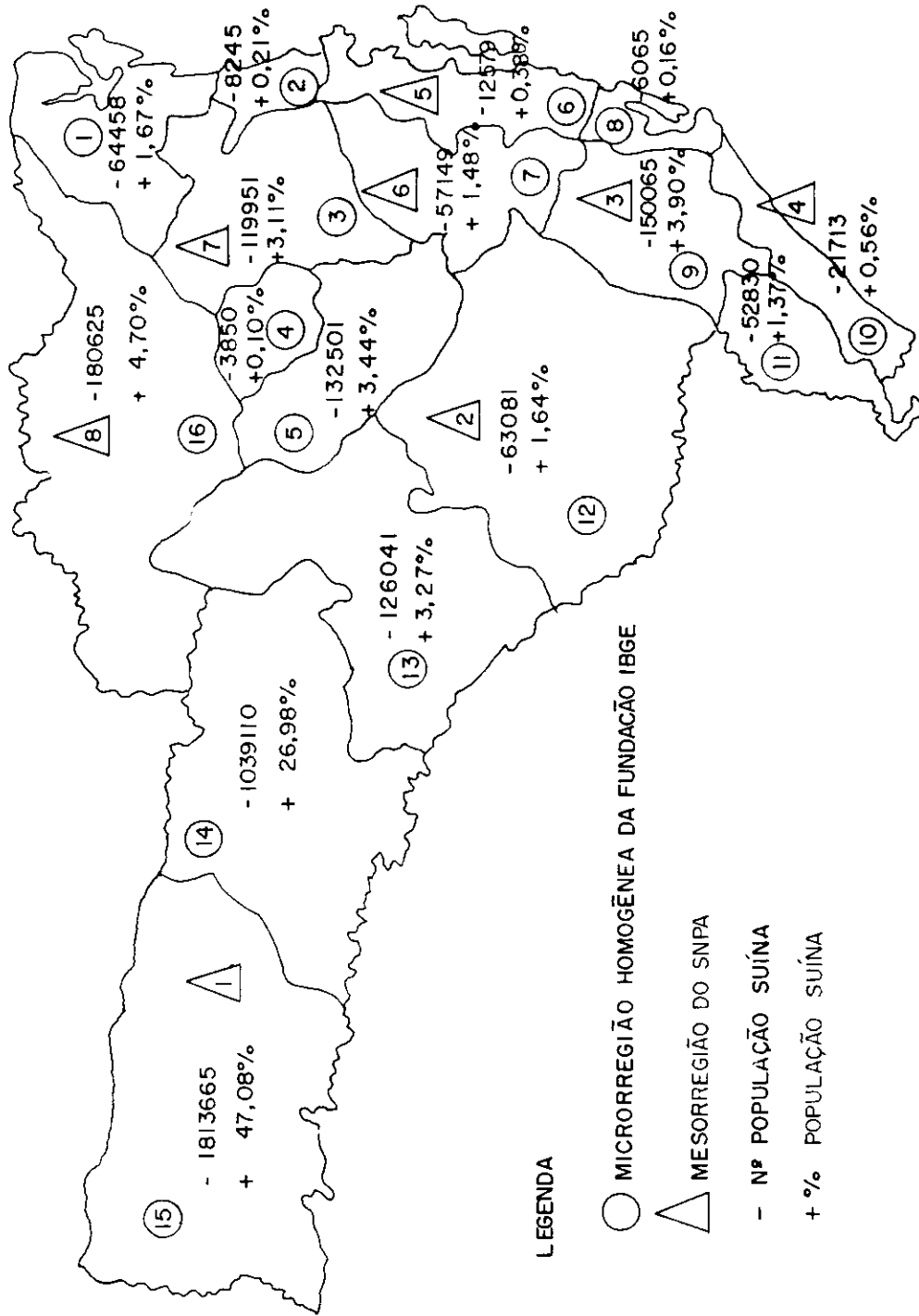


FIGURA Nº 25 - Número e percentual da população bovina por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

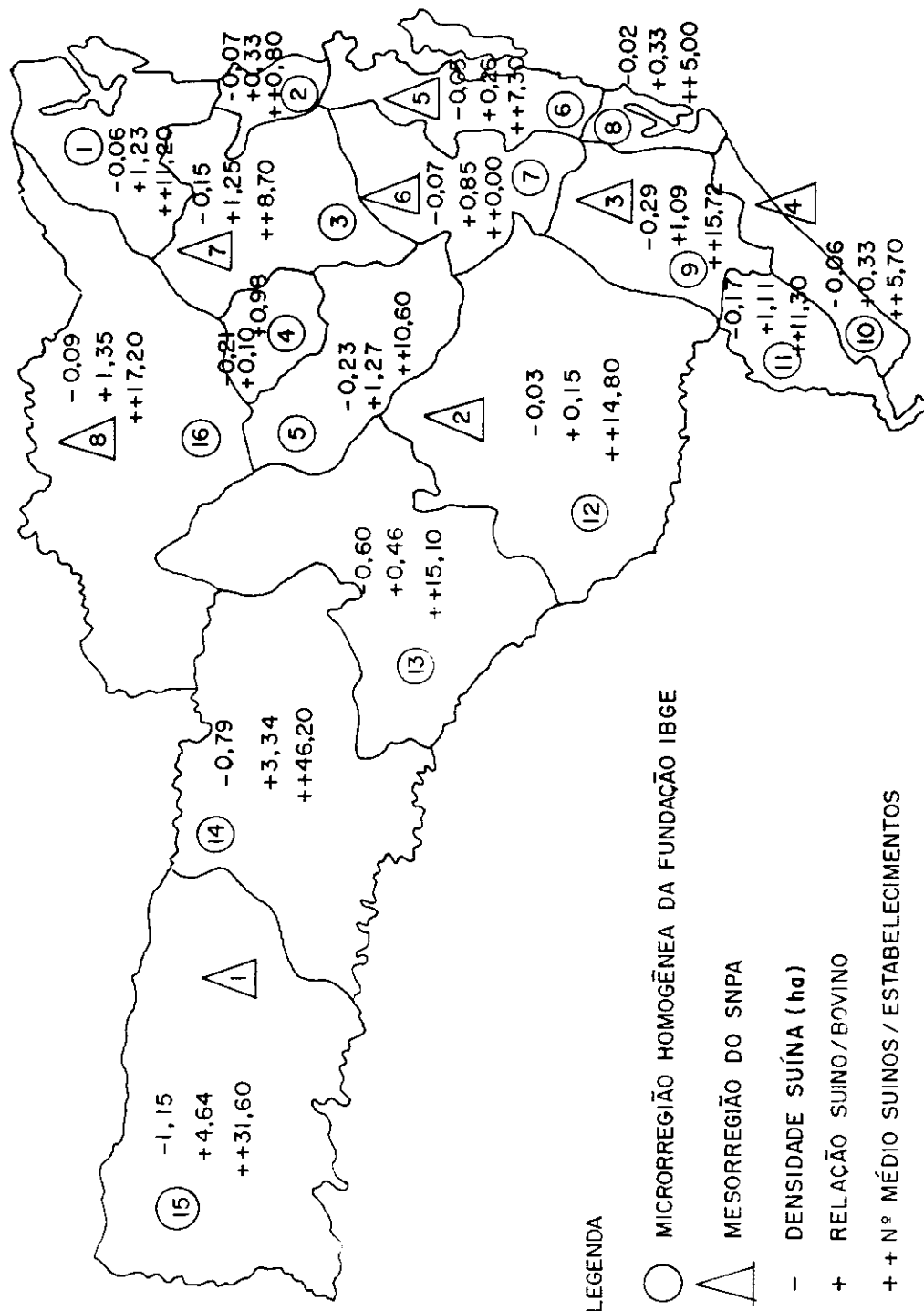
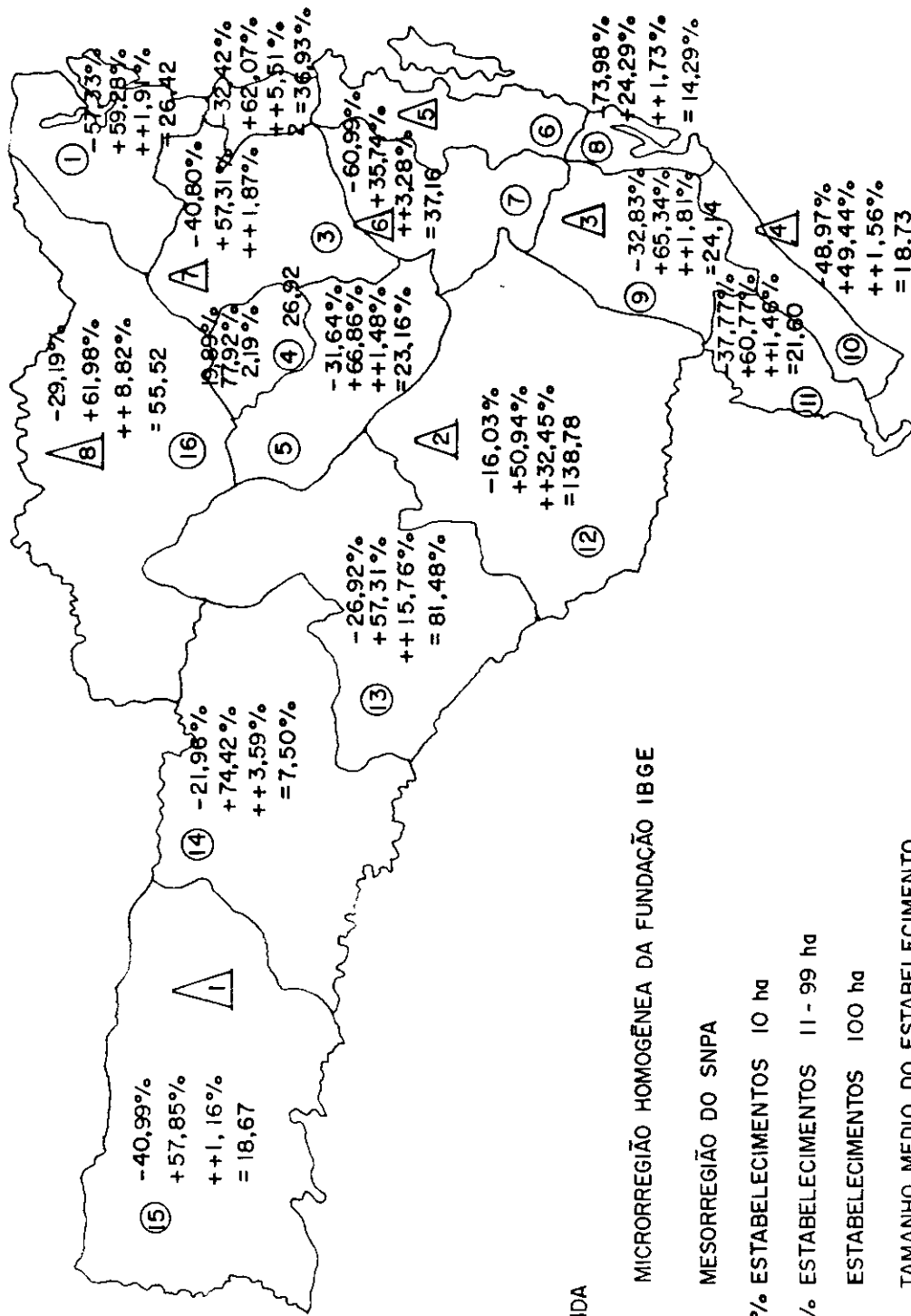


FIGURA Nº 26 - Relação suíno/bovino por microrregião, Santa Catarina, 1980.



LEGENDA

- MICROREGIÃO HOMOGÊNEA DA FUNDAÇÃO IBGE
- △ MESORREGIÃO DO SNPA
- % ESTABELECIMENTOS 10 ha
- + % ESTABELECIMENTOS 11 - 99 ha
- ++ ESTABELECIMENTOS 100 ha
- = TAMANHO MÈDIO DO ESTABELECIMENTO

FIGURA Nº 27 - Tamanho médio dos estabelecimento e percentual de estabelecimentos com 10ha, 11-99ha e 100ha por microrregião, Brasil, 1980.

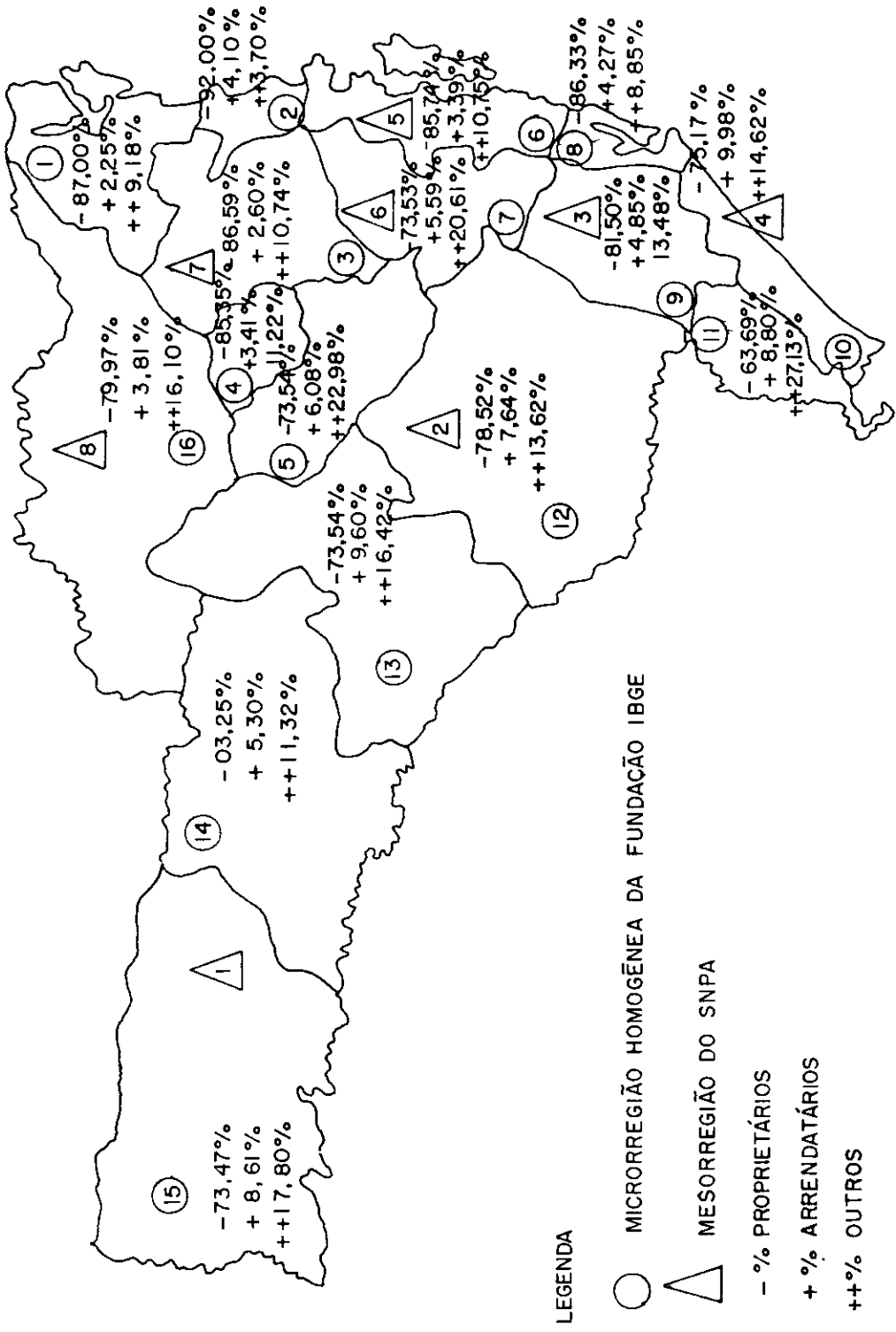


FIGURA Nº 28 - Percentual dos estabelecimentos por microrregião segundo condição do produtor, Santa Catarina, Brasil, 1980.

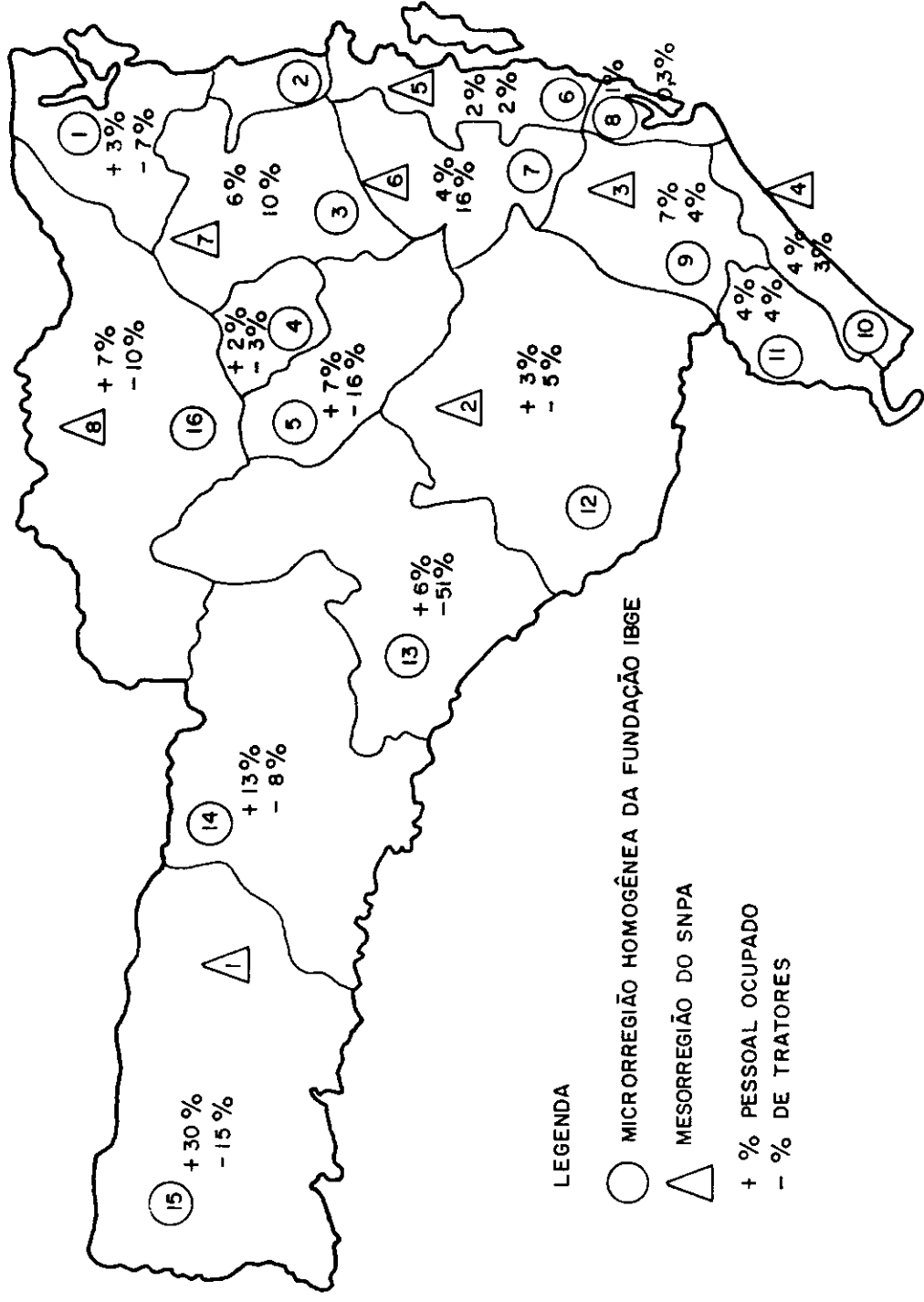


FIGURA Nº 29 - Percentual de pessoal ocupado e de tratores por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980

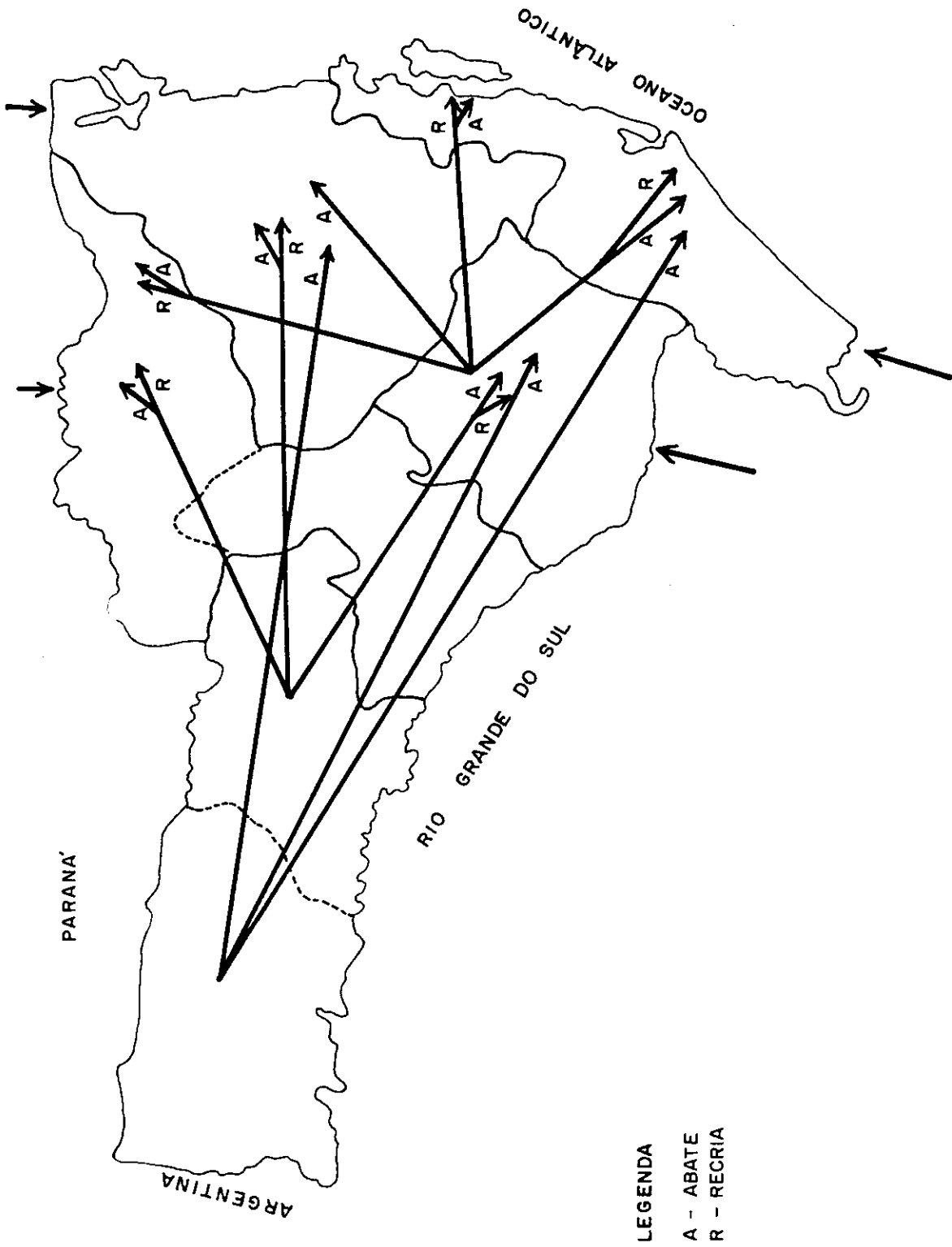


FIGURA Nº 30 - Principais fluxo internos e externos de bovinos segundo finalidade por grandes regiões, Santa Catarina, Brasil, 1978



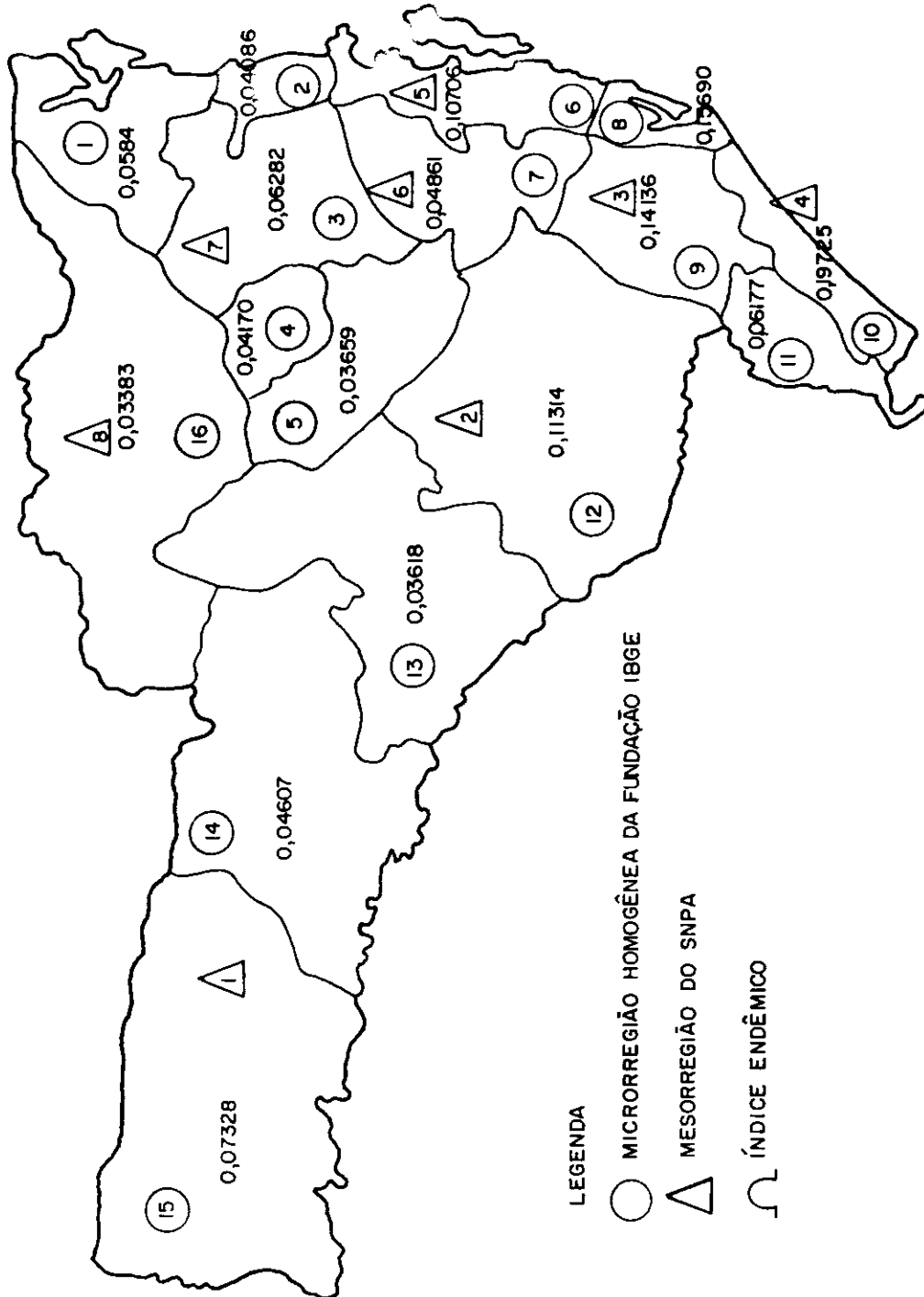


FIGURA Nº 31 - Índice de endemismo por microrregião, Santa Catarina, Brasil, 1980.

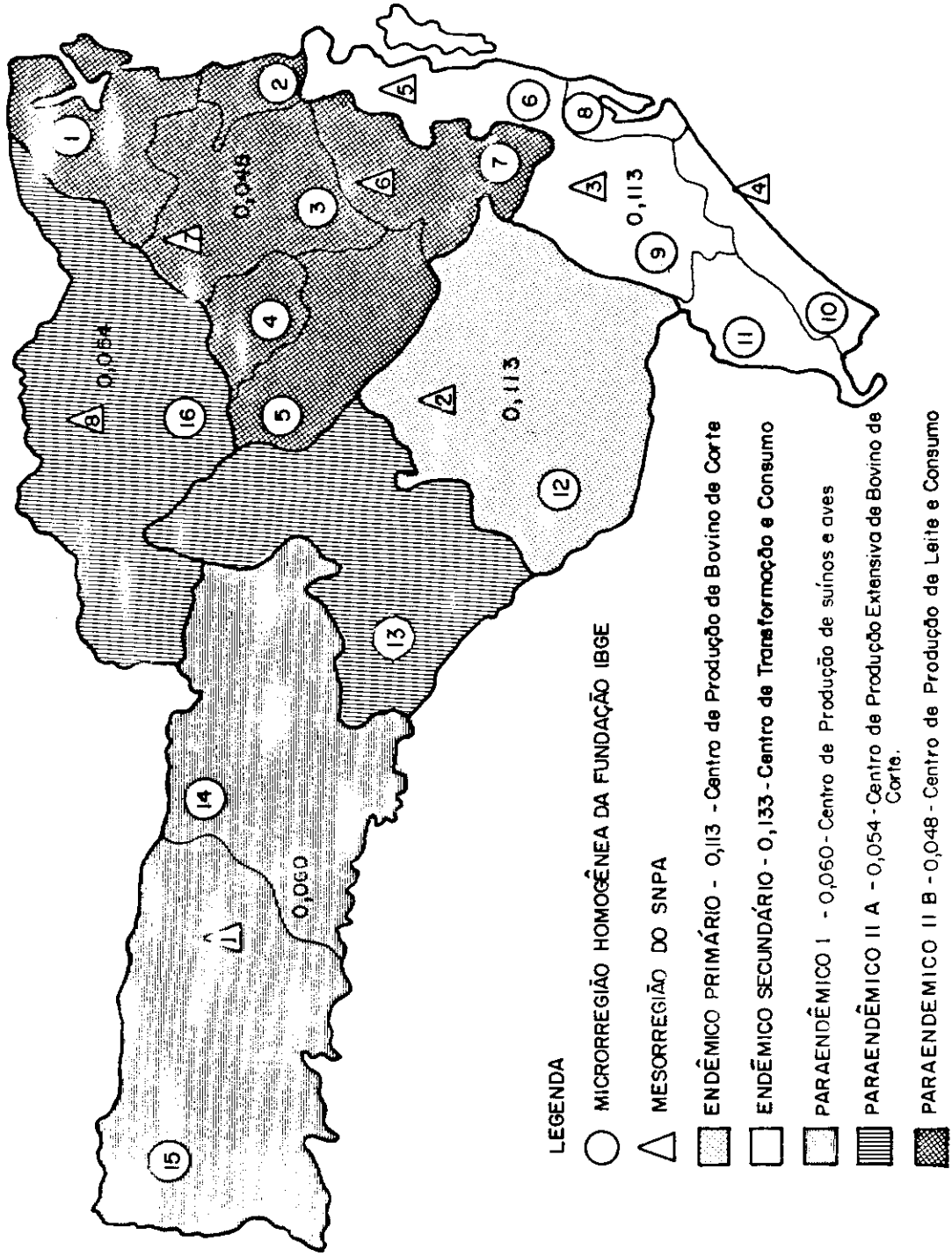


FIGURA Nº 32 - Ecosistema de Febre Aftosa, Santa Catarina, Brasil, 1980

## 5. DISCUSSÃO

As regiões epidemiológicas da Febre Aftosa em relação com as formas econômicas de produção pecuária:

O análise estatístico dos dados sobre a ocorrência da Febre Aftosa através da série cronológica de 10 anos (1971-1980) permite definir o Estado como de baixa frequência de focos (Gráfico 1) e baixo nível de endemismo (Figura nº 32).

A tendência negativa observada para Febre Aftosa durante o período analisando 1971-1980 (Gráfico 5) explicaria-se pela eficácia relativa das ações de prevenção e controle dessa enfermidade através do PROGRAMA ESTADUAL DE CONTROLE DA FEBRE AFTOSA instituído a partir de 1967.

Porém essa visão global se modifica quando a nível de região se analisa a presença de Febre Aftosa, durante o período de 1971-1980 em relação as características relevantes da organização sócio econômico da pecuária predominante na mesma (Quadro 7), observando-se que a conformação de grandes regiões epidemiológicas, se ajustam em termos gerais à caracterização que ROSENBERG et alii (1977) assinalaram para Febre Aftosa:

- a) Uma região endêmica com duas modalidades:
  - Endêmica Primária; e
  - Endêmica Secundária; e

b) Outra região paraendêmica também com duas modalidades:

- Paraendêmica com tendência a livre e
- Paraendêmica com tendência a endêmica.

Estas regiões epidemiológicas manifestam uma estreita relação com as formas econômica pecuária predominante a nível regional, com potencial físico ecológico, com as agrupações humanas (densidade demográfica) e trânsito e (comércio de bovinos) o que concorda com ASTUDILLO (1984):

a) Uma economia em vias de capitalização com duas modalidades:

- Centro de produção semi intensiva de bovinos e corte, e
- Centro de transformação e de consumo, e

b) Outra de economia artesanal com duas modalidades:

- Centro de produção extensiva de bovino de corte
- Centro de produção de leite e de consumo

c) E outra de economia empresarial

- Centro de produção de suínos e aves.

A relação encontrada entre as formas de produção econômica e as regiões epidemiológicas coincide com certa aproximação ao modelo proposto por ASTUDILLO (1984), porém em Santa Catarina ficou evidenciado com bastante aproximação a relação existente entre as formas de produção econômica (Quadro 7) as agrupações humanas (densidade demográfica) (Figura nº 6), potencial físico ecológico (Figura 1) e as regiões epidemiológicas da Febre Aftosa (Figura nº 32) uma vez que a ocorrência da Febre Aftosa está diretamente relacionado com o trânsito e comércio de bovino (Gráfico 7).

Pois ficou bem claro que o grau de endemismo da enfermidade partindo dos centros de produção (planalto, re-

gião de menor densidade demográfica se intensifica nos centros de consumo (litoral, região de maior densidade demográfica).

#### 5.1. Centro de produção de bovinos de corte: área endêmica primária

Contempla a microrregião Campos de Lages, onde as atividades econômicas classificadas como centro de produção semi intensiva de bovinos de corte, ocupam regiões marginais.

Sobressai nessa região o predomínio da exploração de bovinos de corte, em forma de monocultura ou em policultura (cultivo de produtos agrícolas associado com esse tipo de exploração bovina), nível tecnológico baixo para médio e relações de trabalho pré-capitalista e capitalista e forma de organização da pecuária em vias de capitalização. Tamanho médio dos estabelecimentos de 138,78 ha (Tabela IV) relativamente grandes comparados com os demais do Estado, pois 32,45% dos mesmos possuem mais de 100 ha (Tabela IV). Possui 60,03 bovinos/estabelecimentos, maior do Estado (Tabela II), sendo seus produtos pecuários destinados ao abastecimentos dos principais centros de consumo do Estado (Figura nº 30).

Relativa estabilidade da população animal, dado ao tipo de exploração pecuária de ciclo completo, predominando as fases de cria e recria explicada pela relação novilho/vaca (Tabela I), aliada a lenta renovação da população bovina e limitada intervenção humana (tecnológica), ver-se-ia afetado exclusivamente a fatores ambientais não controlados, tais como chuvas, geadas, nevadas que caracterizam as épocas de verão e inverno e que determinam a necessidade das populações em buscas de pastos.

O endemismo para Febre Aftosa no período de 1971-1980 (Figura nº 32) explicar-se-ia sob as observações de ROSENBERG et alii (1977) e OBIAGA et alii (1979) que nas áreas

g.ão de menor densidade demográfica) se intensifica nos centros de consumo (litoral, região de maior densidade demográfica).

#### 5.1. Centro de produção de bovinos de corte: área endêmica primária

Contempla a microrregião Campos de Lages, onde as atividades econômicas classificadas como centro de produção semi intensiva de bovinos de corte, ocupam regiões marginais.

Sobressai nessa região o predomínio da exploração de bovinos de corte, em forma de monocultura ou em policultura (cultivo de produtos agrícolas associado com esse tipo de exploração bovina), nível tecnológico baixo para médio e relações de trabalho pré-capitalista e capitalista e forma de organização da pecuária em vias de capitalização. Tamanho médio dos estabelecimentos de 138,78 ha (Tabela IV) relativamente grandes comparados com os demais do Estado, pois 32,45% dos mesmos possuem mais de 100 ha (Tabela IV). Possui 60,03 bovinos/estabelecimentos, maior do Estado (Tabela II), sendo seus produtos pecuários destinados ao abastecimentos dos principais centros de consumo do Estado (Figura nº 30).

Relativa estabilidade da população animal, dado ao tipo de exploração pecuária de ciclo completo, predominando as fases de cria e recria explicada pela relação novilho/vaca (Tabela I), aliada a lenta renovação da população bovina e limitada intervenção humana (tecnológica), ver-se-ia afetado exclusivamente a fatores ambientais não controlados, tais como chuvas, geadas, nevascas que caracterizam as épocas de verão e inverno e que determinam a necessidade das populações em buscas de pastos.

O endemismo para Febre Aftosa no período de 1971-1980 (Figura nº 32) explicar-se-ia sob as observações de ROSENBERG et alii (1977) e OBIAGA et alii (1979) que nas áreas

endêmicas primárias a Febre Aftosa como enfermidade não é um fator limitante significativo para produção, devido a experiência prévia da população frente ao vírus aftoso. O problema fundamental radica-se no risco de transmissão da enfermidades em outras regiões produtivas, através das atividades derivadas dos processos de comercialização de bovinos (Figura nº 30).

#### 5.2. Centro de transformação e consumo: área endêmica secundária

Contempla as microrregiões de Florianópolis, Litoral de Laguna, Carbonífera, Litoral Sul Catarinense e Colonial Sul Catarinense, com atividades econômicas classificadas como centro de transformação e consumo, ocupando terras com pastagens melhoradas, com alto teor de fósforo (BUFFON et alii, 1977) localizadas na periferia dos principais centro de consumo, provida de adequadas vias de comunicação (Figura nº 14), sobressaindo como regiões de alta densidade demográfica (Figura nº 6), com importante atividade de mineração, setor secundário e terciário representativo do Estado (Figura nº 9 e 10)(FITEP, 1980).

Atividades produtivas orientadas para exploração de bovino mixto e terminação e abate de bovinos, dado ser importante centro de transformação e consumo do Estado (Figura nº 30) (Quadro 7), relações de trabalho pré-capitalista e forma de organização da produção classificada como artesanal em vias de capitalização.

O elevado endemismo para Febre Aftosa no período de 1971-1980 (Figura nº 32) explicar-se-ia sob as observações de ASTUDILLO (1984), ROSENBERG et alii (1977) e OBIAGA et alii (1979) pelo alto grau de dependência de outras áreas produtivas, principalmente da endêmica primária (Campos de Lages), dado o tipo de exploração pecuária que determina alta taxa de renovação da população susceptível e alta densidade bovina (Tabela 1).

O risco epidemiológico explicar-se-ia também sob as observações de BUFFON et alii (1977) e Ministério da Agricultura - Plano de Controle e Erradicação de Febre Aftosa-Segunda etapa (1983), pela nossa dependência de carne bovina, daí necessidade de importação de reprodutores dos estados vizinhos para o abastecimento interno, (Quadro 5) e comércio ocasional de reprodutores para regiões com bovinos provindos do Estado vizinho.

### 5.3. Centro de Produção de Suínos e Aves: Área paraendêmica I com tendência a endêmica

Contempla as microrregiões colonial de Rio do Peixe e colonial do Oeste Catarinense.

Atividades produtivas orientadas para suinocultura e avicultura, pois 74,06% da população suína e 95% do abate avícola localiza-se nessas microrregiões (Tabela III) (IBGE, 1980).

Além da exploração suína e avícola é representativo a exploração de bovinos de corte de ciclo completo sendo expressiva a fase de cria nos municípios localizados ao norte dessas microrregiões divisa com Paraná (Quadro 7).

As relações de trabalho são pré-capitalista capitalista e de acordo com a forma de produção podemos identificar duas situações: suinocultura e avicultura considerada capitalista e bovino de corte classificada como artesanal (FITEP, 1980).

A presença ocasional da Febre Aftosa durante o período de 1971-1980 (Figura nº 32) mostra uma tendência para endemicidade o que seguramente é explicado pela exploração econômica pecuária (bovino de corte com predomínio a fase de cria) e pelo trânsito e comércio de animais (Figura nº 30) pois tudo indica que o aparecimento da enfermidade nessa região fará com que a mesma se comporte como um polo alimentador da



região endêmica primária.

5.4. Centro de produção extensiva de bovino de corte: área paraendêmica II A com tendência a ser livre

Contempla as microrregiões Campos de Curitibanos e Planalto de Canoinhas; com tamanho médio dos estabelecimentos de 81,48 ha e 55,52 ha respectivamente, sendo que 15,76% e 8,82% respectivamente possuem mais de 100 ha (Tabela IV) (IBGE, 1980).

As atividades produtivas estão orientadas para exploração de bovino de corte de ciclo completo e de bovinomistos, com relação de trabalho pré-capitalista e forma de organização da produção artesanal (CEPA/SC e FITEP, 1980).

A presença ocasional da enfermidade durante o período de 1971-1980 (Figura nº 32) é explicada pela baixa densidade bovina, trânsito não muito expressivo e o predomínio do cultivo agrícola nessa região.

A conduta da enfermidade estaria vinculada ao trânsito e comércio ocasional de bovinos provenientes das regiões endêmicas primárias do Estado ou dos Estados vizinhos (Figura nº 30).

5.5. Centro de produção de leite e consumo: Região paraendêmica II B com tendência a ser livre

Contempla as microrregiões Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial do Itajaí Norte, Colonial do Alto Itajaí e Colonial Serrana Catarinense, predominando minifúndios (Tabela nº IV) (IBGE, 1980).

As atividades produtivas estão predominantemente orientada para exploração de bovino de leite (BUFFON et alii 1977) e dada a infraestrutura existente (Quadro nº 3 e Figu-

## 6. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos permitem as seguintes conclusões:

- 1) Que em Santa Catarina existe uma estreita relação entre as formas de organização da produção pecuária e a conduta da apresentação da Febre Aftosa na população animal.
- 2) Que a ocorrência de Febre Aftosa está diretamente relacionado com o trânsito e comércio de bovinos.
- 3) Que a caracterização epidemiológica abordada nesse trabalho, permite recomendar as seguintes estratégias diferenciadas de controle e erradicação da Febre Aftosa para cada forma econômica-pecuária estabelecida:

### Área Endêmica Primária

- Manter elevado nível imunitário na população bovina das áreas;
- uso de vacinas de maior e mais prolongado efeito imunológico;
- controlar a entrada na área, de bovinos;

- controlar a saída de bovinos da área para diminuir o risco de transmissão em área endêmica secundária;
- vacinação na saída do gado;
- intensificação das atividades de vigilância epidemiológica;
- identificação de áreas propagadoras de atividade viral;
- intensificação das atividades de Educação Sanitária;
- desinfecção dos meios de transportes;
- aumento do intercâmbio de informações, com áreas Estados e Países limítrofes;
- formação de recursos humanos.

#### Área Endêmica Secundária

- Educação Sanitária nos diversos níveis da coletividade;
- formação de recursos humanos;
- dinamização na assistência a todos os focos surgidos na área;
- vacinação maciça e obrigatória de toda a população bovina em idade de vacinação;
- controle do trânsito dos animais que adentram na área;
- separação do gado que ingressa (potreiros separados);
- intensificar o sistema de informação e vigilância epidemiológica;
- revacinar o rebanho susceptível doméstico nos estabelecimentos onde ingressam bovinos, desde que a última vacinação for muito anterior;
- Desinfecção dos meios de transportes.

### Área Paraendêmica

- Educação Sanitária;
- formação de recursos humanos;
- atendimento prioritário e oportuno ao foco com extinção dos mesmos;
- imunização das microrregiões problemáticas;
- desinfecção dos meios de transportes;
- fiscalização severa do ingresso de bovinos na área;
- estudo de vacina seletiva de parte da população susceptível para algumas microrregiões;
- intensificar o sistema de informação e vigilância epidemiológica.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 . ANSELMO, F.P. Aspectos epidemiológicos da Febre Aftosa em bovinos na região do Triângulo, Minas Gerais, Brasil. Belo Horizonte, Escola de Veterinária da UFMG, 1975. 63p. (Tese, Mestre em Medicina Veterinária).
- 2 . ASTUDILLO, V.M. Projet for developing systems of animals disease notification and date registration PAHO SC. Pub. 236:60-90, 1972.
- 3 . ASTUDILLO, V.M.; DEPPERMAN, R.; DE GAUTO, M.T. Canales de Comunicacion y velocidad de transmision em sistemas de información para Febre Aftosa. Seminário Regional sobre sistemas de vigilância epidemiológica de enfermidades transmisibles y zoonoses. Doc. nº 3, Rio de Janeiro, Dic. 1973.
- 4 . ASTUDILLO, V. M.; DEPPERMAN, R. Sistema de información para vigilância epidemiológica de enfermidade animales. Inf. Epid. 12(5): 53-56, CPFA, 1980.
- 5 . ASTUDILLO, V.M.; DA SILVA, J.A.M.; DA COSTA, M. Indicador epidêmico para la vigilância de la Fiebre Aftosa. Inf. Epid. 12(6): 76-78, CPFA, 1980.
- 6 . ASTUDILLO, V.M.; DA SILVA, J.A.M.; DORA, J.F.P.; DEPPERMAN, R.; DA COSTA, M. Tiempo-presencia como indicador para caracterização epidemiológica de la Fiebre Aftosa. Inf. Epid. 12(12): 126-127, CPFA, 1980.

- 7 . ASTUDILLO, V.M.; DIAS, L.E.; NUZIO, F.; FIGARAS, A.; SALLVA S.; PIKE, V.L.; DA SILVA, A.M. Geographia clusters of foot-and-mouth disease. Proceedings III Internat. Symposium on Veterinary Epidemiology and Economics. Virginia USA, sept., 1982.
- 8 . ASTUDILLO, V.M.. Formas de organização como determinantes de risco de Febre Aftosa. A Hora Veterinária. Ano 3, nº 17. Jan/Fev., 1984.
- 9 . BRASIL, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, SECRETARIA DE DEFESA SANITÁRIA ANIMAL. Plano nacional de combate à Febre Aftosa; avaliação da primeira etapa - 1971-1974, (documento síntese), Brasília, M.A., 1975.
10. BRASIL, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, SECRETARIA DE DEFESA SANITÁRIA ANIMAL. Plano de controle e erradicação de Febre Aftosa; segunda etapa - 1983/1987, Brasília, M. A. 1983. 82p.
11. BUFFON, R.L.; SANTA CATARINA, W.; GRUMANN, A. Diagnóstico da bovinocultura catarinense. Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina, 1977. 203 p.
12. CAMARGO, N.F.; EICHORN, E.A.; LEVINE, J.M.; TELEZ, G.A. 1950. A Complement fixation technique for foot-and-mouth disease and vesicular stomatitis. Proc. Ann. Meet. Amer. Vet. Met., Miami Beach, 87: 207-211.
13. COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA, Florianópolis. Síntese anual da Agricultura de Santa Catarina, Florianópolis, 1981. 220p.
14. COMPANHIA INTEGRADA DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA, Florianópolis. Relatórios sobre população bovina e suína. 1981. (Dados internos, não publicados).
15. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Rio de Janeiro. Geografia do Brasil; região Sul. Rio de Janeiro, 1977. 120p.

16. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Rio de Janeiro. Sinopse preliminar censo agropecuário; Região Sul. Rio de Janeiro, 1980. 89p.
17. FUNDAÇÃO INSTITUTO TÉCNICO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. Diagnóstico da Economia Catarinense, Florianópolis, 1980. 280p.
18. MALAGA, C.H.; WANDERLEY, M.; DE CANAL, H.; SARAIVA, V.; AZEVEDO, R.; PELETEIRO, A.; DORA, F.; COELHO, J. C.; SANTOS, W.; REMIGIO, C. Observaciones sobre el riesgo de ocurrencia da Fiebre Aftosa. Bol. Cent. Panam. Fiebre Aftosa, Rio de Janeiro, (23/24): 51-66, a 976.
19. MARTINS, F.A. Caracterização geográfica, demográfica e epidemiológica das áreas do Estado de São Paulo em função dos riscos de infecção por Febre Aftosa na população bovina e métodos de combate aplicados e uma estratégia de luta regional. s. 1. Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais, 1978, 168p.
20. MATHIAS, L. A. Susceptibilidade à Febre Aftosa em bovinos procedentes do Pantanal Matogrossense, Belo Horizonte, Escola de Veterinária da UFMG, 1980. 48p. (Tese, mestre em Medicina Veterinária).
21. OBIAGA, J. A.; HONIGMAN, M.N. Consideraciones cuantitativas sobre el riesgo de ocurrencia y difusión de la Fiebre Aftosa. Inf. Epid. 10 (10): 88-91, CFPA, 1978.
22. OBIAGA, J.A.; ROSENBERG, F.J.; ASTUDILLO, V.M.; GOIC, R. Las características de la producción pecuária como determinantes de los ecosistemas de Fiebre Aftosa. Bol. Cont. Panam. Fiebre Aftosa, Rio de Janeiro, (33/34): 33-42, 1979.
23. ROSENBERG, F.J. & GOIC, R. Programas de control y prevención de Fiebre Aftosa em las américas. Bol. Cent. Panam. Fiebre Aftosa, Rio de Janeiro, (12): 1-22, 1973.

24. ROSENBERG, F.J. El conocimiento de la epidemiologia de la Fiebre Aftosa com particular referência a sudamerica.  
Rio de Janeiro, Centro Panamericano de Fiebre Aftosa, 1975. 50p. (Série de monografia científica y técnicas,5).
25. ROSENBERG, F.J.; ASTUDILLO, V.M.; GOIC, R. Estrategias regionales para el control de la Fiebre Aftosa: un enfoque ecológico.  
In: CONGRESSO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN EPIDEMIOLOGICA INTERNACIONAL, 8º, Puerto Rico, 1977.  
(trabalho apresentado).
26. SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. CAMPANHA NACIONAL DE COMBATE A FEBRE AFTOSA, Publicação Mensal sobre Febre Aftosa, Florianópolis, Jan. 1971/dez. 1980.
27. SPIEGEL, M.R., 1967. Estatística, Rio de Janeiro, Editora. Ao Livro Técnico S.A. 580p.



## A N E X O S

Composição microregional das mesoregiões de Santa Catarina

Mesoregião	Microregião	Denominação	Grandes regiões históricas
1	14	Colonial do Rio do Peixe	Meio e Extremo Oeste
	15	Colonial Oeste Catarinense	
2	12	Campos de Lages	Planalto
	13	Campos de Curitibanos	
3	9	Carbonífera	Litoral
	11	Colonial Sul Catarinense	
4	8	Litoral de Laguna	Litoral
	10	Litoral Sul Catarinense	
5	6	Florianópolis	Litoral
6	7	Colonial Serrano Catarinense	Litoral
7	1	Colonial de Joinville	
	2	Litoral de Itajaí	
	3	Colonial de Blumenau	Litoral
	4	Colonial de Itajaí Norte	
	5	Colonial do Alto Itajaí	
8	16	Planalto de Canoinhas	Planalto
	307		

Composição Municipal e Microrregional das Mesorregiões de  
Santa Catarina

Meso-Região 1

14 (305) - Colonial do Rio do Peixe	15 (306) - Colonial do Oeste Catarinense
1. Água Doce	1. Abelardo Luz
2. Arroio Trinta	2. Águas de Chapecó
3. Caçador	3. Anchieta
4. Capinzal	4. Caibi
5. Catanduvas	5. Campo Erê
6. Concórdia	6. Caxambú do Sul
7. Erval Velho	7. Chapecó
8. Fraiburgo	8. Coronel Freitas
9. Herval D'Oeste	9. Cunha Porã
10. Ibicaré	10. Descanso
11. Ipira	11. Dionísio Cerqueira
12. Ipumirim	12. Fachinal dos Guedes
13. Irani	13. Galvão
14. Itá	14. Guaraciaba
15. Jaborá	15. Guarujá do Sul
16. Joaçaba	16. Itapiranga
17. Lacerdópolis	17. Maravilha
18. Ouro	18. Modêlo
19. Peritiva	19. Mondaí
20. Pinheiro Preto	20. Nova Erechim
21. Piratuba	21. Palma Sola
22. Ponte Serrada	22. Palmitos
23. Presidente Castelo Branco	23. Pinhalzinho
24. Rio das Antas	24. Quilombo
25. Salto Veloso	25. Romelândia
26. Seara	26. São Carlos

27. Tangará  
28. Treze Tílias  
29. Videira  
30. Xavantina

27. São Domingos  
28. São José do Cedro  
29. São Lourenço D'Oeste  
30. São Miguel D'Oeste  
31. Saudades  
32. Vargão  
33. Xanxerê  
34. Xaxim

## Meso-Região 6

7 (298) - Colonial Serrana  
Catarinense

- 1 . Águas Mornas
- 2 . Alfredo Wagner
- 3 . Angelina
- 4 . Anitápolis
- 5 . Antônio Carlos
- 6 . Canelinha
- 7 . Leoberto Leal
- 8 . Major Gercino
- 9 . Nova Trento
10. Rancho Queimado
11. São Bonifácio
12. São João Batista

## Meso-Região 7

- 1 . Araquari
- 2 . Barra Velha
- 3 . Corupá
- 4 . Garuva
- 5 . Guaramirim
- 6 . Jaraguá do Sul
- 7 . Joinville
- 8 . São Francisco do Sul
- 9 . Schoroeder

2 (293) - Litoral de Itajaí

- 1 . Balneário de Camboriú
- 2 . Camboriú
- 3 . Ilhota
- 4 . Itajaí

3 (294) -Colonial de Blumenau

- 1 . Qscurra
- 2 . Benedito Novo
- 3 . Blumenau
- 4 . Botuverá
- 5 . Brusque
- 6 . Gaspar
- 7 . Guabiruba
- 8 . Indaial
- 9 . Luiz Alves
10. Massaranduba
11. Pomerode
12. Presidente Nereu
13. Rio dos Cedros
14. Rodeio
15. Timbó
16. Vidal Ramos

4 (295) - Colonial Itajaí Norte

- 1 . Dona Emma
- 2 . Ibirama
- 3 . Presidente Getúlio
- 4 . Witmarsun

5 (296) - Colonial Alto Itajaí

- 1 . Agrolândia
- 2 . Agronômica
- 3 . Atalanta
- 4 . Aurora

5 . Itapema

6 . Navegantes

7 . Penha

8 . Piçarras

Meso-Região 2

12 (303) - Campos de Lages

1 . Bom Jardim da Serra

2 . Bom Retiro

3 . Lages

4 . São Joaquim

5 . Urubici

13 (304 - Campos de Curitibanos

1 . Anita Garibaldi

2 . Campo Belo do Sul

3 . Campos Novos

4 . Curitibanos

5 . Lebon Régis

6 . Ponto Alta

7 . Santa Cecília

8 . São José do Cerrito

Meso-Região 3

9 (300) - Carbonífera

1 . Armazém

2 . Braço do Norte

3 . Criciúma

4 . Grão Pará

5 . Gravatal

6 . Lauro Muller

7 . Morro da Fumaça

8 . Orleães

5 . Imbuia

6 . Ituporanga

7 . Laurentino

8 . Lontras

9 . Petrolândia

10. Pouso Redondo

11. Rio do Campo

12. Rio do Oeste

13. Rio do Sul

14. Salete

15. Taió

16. Trombudo Central

11 (302) - Colonial do Sul  
Catarinense

1 . Jacinto Machado

2 . Meleiro

3 . Nova Veneza

4 . Praia Grande

5 . Timbê do Sul

6 . Turvo

Meso-Região 4

8 (299) - Litoral da Laguna

1 . Imaruí

2 . Imbituba

3 . Laguna

10 (301) - Litoral Sul Catarin  
nense

1 . Araranguá

2 . Içara

3 . Jaguarana

- 9 . Pedras Grandes
- 10. Rio Fortuna
- 11. Santa Rosa de Lima
- 12. São Ludgero
- 13. São Martinho
- 14. Siderópolis
- 15. Treze de Maio
- 16. Tubarão
- 17. Urussanga

## Meso-Região 8

## 16 (397) - Planalto de Canoinhas

- 1 . Campo Alegre
- 2 . Canoinhas
- 3 . Irineópolis
- 4 . Itaiópolis
- 5 . Mafra
- 6 . Major Vieira
- 7 . Matos Costa
- 8 . Monte Castelo
- 9 . Papanduva
- 10. Porto União
- 11. Rio Negrinho
- 12. São Bento do Sul
- 13. Três Barras

- 4 . Jaguaruna
- 5 . São João do Sul
- 6 . Sombrio

## Meso-Região 5

## 6 (297) - Florianópolis

- 1 . Biguaçu
- 2 . Florianópolis
- 3 . Garopaba
- 4 . Gov. Celso Ramos
- 5 . Palhoça
- 6 . Paulo Lopes
- 7 . Poto Belo
- 8 . Santo Amaro da Imperatriz
- 9 . São José
- 10. Tijucas